

LISIANE DOS SANTOS RAMOS

**O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NO ENSINO MÉDIO:
Uma abordagem a partir da Pedagogia do Esporte**

**VITÓRIA
2025**

LISIANE DOS SANTOS RAMOS

**O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NO ENSINO MÉDIO:
Uma abordagem a partir da Pedagogia do Esporte**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP.

Orientador: Dr. UBIRAJARA DE OLIVEIRA

**VITÓRIA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Ramos, Lisiane dos Santos, 1987-
R175e O ensino dos esportes coletivos no ensino médio: uma
abordagem a partir da pedagogia do esporte / Lisiane dos Santos
Ramos. – 2025.
100 f. : il.

Orientador: Ubirajara de Oliveira.

Acompanha Produto Técnico: O ensino dos esportes
coletivos: uma abordagem a partir da pedagogia do esporte.
Modo de acesso: [http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-
tecnico-educacional](http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional)

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em
Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

1. Educação física (Ensino médio). 2. Prática pedagógica. 3.
Esportes coletivos. I. Oliveira, Ubirajara de. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e
Desportos. III. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho. V. Título.

CDU: 796

Elaborado por Eliéte Ribeiro Almeida – CRB-6 ES-603

Resumo

Este trabalho analisou e descreveu as percepções sobre o ensino dos esportes coletivos no Ensino Médio, tomando como referência o Colégio Estadual Professora Jane Assis Peixoto, na Bahia. A investigação teve como objetivo geral compreender as práticas pedagógicas presentes nas aulas de Educação Física e, especificamente, identificar propostas e métodos empregados, discutir suas implicações e propor possibilidades de abordagem a partir da Pedagogia do Esporte. A pesquisa surgiu diante do cenário em que a Educação Física escolar, historicamente marcada pelo viés esportivista e competitivo, frequentemente se confunde com a lógica do rendimento, ocasionando exclusão de estudantes e especialização precoce. O estudo evidenciou que o esporte educacional, quando tratado pedagogicamente, pode favorecer a aprendizagem significativa, a inclusão e o desenvolvimento integral dos alunos. Os resultados apontaram que práticas centradas no jogo e em metodologias participativas ampliam o repertório motor, estimulam a autonomia e favorecem a vivência coletiva e democrática, superando o fenômeno da “arquibancada”, no qual apenas os mais habilidosos participam. Conclui-se que a adoção da Pedagogia do Esporte possibilita ressignificar o ensino dos esportes coletivos, deslocando o foco da preparação para competições para a formação cidadã, crítica e inclusiva, reafirmando a Educação Física como espaço de humanização no Ensino Médio.

Abstract

This study analyzed and described perceptions regarding the teaching of team sports in high school, focusing on Colégio Estadual Professora Jane Assis Peixoto, in Bahia, Brazil. The general objective was to understand the pedagogical practices present in Physical Education classes and, specifically, to identify the teaching methods employed, discuss their implications, and propose possibilities for an approach based on Sport Pedagogy. The research emerged from a context in which school Physical Education, historically marked by a sport-centered and competitive bias, often reflects the logic of performance, resulting in student exclusion and early specialization. Findings indicated that educational sport, when addressed pedagogically, can foster meaningful learning, inclusion, and the integral development of students. Results revealed that practices centered on play and participatory methodologies broaden motor repertoire, stimulate autonomy, and promote collective and democratic experiences, overcoming the phenomenon of the “bleachers,” in which only the most skilled students participate. It is concluded that adopting Sport Pedagogy allows for a re-signification of the teaching of team sports, shifting the focus from competition preparation to citizen, critical, and inclusive education, reaffirming Physical Education as a space for humanization in high school.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	17
2. OBJETIVOS	22
2.1 Objetivo Geral.....	22
2.2 Objetivos específicos	22
3. REVISÃO DA LITERATURA.....	23
3.1 O Ensino Médio, a Educação Física e o Esporte.....	23
3.2 Do Esporte Moderno ao Contemporâneo	38
3.3 A Proposta.....	51
4. MÉTODOS.....	63
4.1 Caracterização da Escola	63
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	68
5.1 Conceito de Esportes	68
5.2 Ensino dos Esportes	76
5.3 Os Esportes nas aulas de Educação Física	81
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito
debaixo do céu.

Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de colher;

Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;

Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;

Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e
tempo de afastar-se de abraçar;

Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar
fora;

Tempo de rasgar, e tempo de consertar; tempo de estar calado, e tempo de
falar;

Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.

Eclesiastes 3:1-8

Agradecimentos

À Deus, pela oportunidade;

Ao meu professor e orientador Ubirajara de Oliveira, pela disponibilidade;

Ao meu esposo Samuel, pela parceria na vida e apoio incondicional;

À minha mãe Beth, pelo legado de garra e coragem;

Aos meus filhos Felipe, Lucas, Benito, Betânia e Samuel (no forninho) pelos sorrisos que aquecem meu coração.

Apresentação

Natural de Aracruz – ES, migramos para o sul da Bahia nos anos 90 devido a uma transferência de local de trabalho do meu pai. Posto da Mata é um distrito do município de Nova Viçosa e na época era um local emergindo economicamente devido à cultura do mamão e do eucalipto. Nesses mais de 30 anos residindo aqui, pudemos contemplar a evolução dessa pequena cidade que hoje é maior que a própria sede.

Estudei todo o ensino fundamental numa escola particular chamada Educandário Anália Ramos. Até a quarta série não tínhamos aulas de Educação Física. Mas às sextas-feiras tínhamos um horário destinado à Recreação. Era a professora regente quem ministrava os jogos e brincadeiras e me lembro de esperar ansiosamente por esses dias, pois a diversão era garantida. Os momentos de brincadeira na rua também faziam parte da minha rotina e eram maravilhosos: pique esconde, bandeirinha, garrafão, queimada, tacobol e muitos outros.

Ao iniciar o fundamental II (antigo ginásio) duas mudanças marcaram essa transição: teríamos um professor para cada disciplina ao invés de apenas 1 para todas, e a inserção das aulas de Educação Física na nossa grade de aulas, acontecendo uma vez por semana, meninas separadas de meninos, duas turmas por vez, em turno oposto. Me recordo de amar sair de casa à tarde para ir à aula de Educação Física.

A princípio as aulas eram realizadas numa área de chão batido que depois foi substituído por uma quadra de chão grosso e posteriormente, por um piso mais liso, porém não era coberta. E eu participava de todas as atividades propostas pelos professores: jogos, brincadeiras, esportes, danças, ginásticas. Participei da equipe de Futsal Feminino em competições extraescolares.

Os professores de Educação Física estavam sempre mais inclinados a ensinar esportes de forma técnico-tática: futsal, handebol e voleibol - nessa ordem de prioridade. Não me lembro de ter informações de forma teórica, ou fazer atividades, trabalhos ou avaliações da disciplina. Todavia a escola estava atenta à necessidade da presença de outras práticas corporais e através de eventos e apresentações, tínhamos acesso às danças, teatro, ginásticas.

Eu era uma aluna muito ativa e participante, por isso os professores sempre me chamavam para integrar tudo que tinha movimento. Ao escrever esse texto agora, me lembro com saudades das quadrilhas, das gincanas, dos passeios e de como eu amava tudo que me foi oportunizado. Hoje com a consciência de professora, sei que foi pouco diante das inúmeras possibilidades possíveis, mas entendo que foi o melhor que eles poderiam ofertar na época.

Por ser de família de baixa renda e residente de uma pequena cidade, não tive acesso a escolinhas de esportes ou dança. Meu irmão mais velho precisou fazer aulas de natação por recomendação médica e eu sonhava em fazer também, então bolamos um plano em que eu iria na aula dele quando saísse da escola e fingiria cair na piscina de uniforme enquanto o observava fazendo a aula, então a professora não teria outra opção a não ser me deixar participar da aula, e foi bem assim que aconteceu.

Em outra ocasião, fui de penetra em aulas de ballet e jazz de uma amiga, fingindo estar ali fazendo uma aula experimental com o intuito de me matricular. Mentira pura, meus pais jamais teriam condições de custear essas aulas.

O final do ensino fundamental coincidiu com uma fase difícil da minha adolescência onde vivi conflitos que marcaram toda a minha vida. Fui o que a sociedade chama de “adolescente rebelde”. Eu nunca havia ficado de recuperação ao longo da trajetória escolar, mas naquele ano fiquei em nove disciplinas.

No período que se seguiu, tudo que eu queria era fugir da minha realidade, porém minhas tentativas de mudar de cidade foram frustradas. O máximo que consegui foi estudar numa cidade vizinha e fazer o percurso de ônibus todos os dias. Me tornei introspectiva.

As aulas de Educação Física nessa nova escola de Ensino Médio eram realizadas em 2 horários em um mesmo dia da semana, onde as atividades práticas aconteciam dentro do turno, e cerca de trinta minutos antes do término, os estudantes eram dispensados para tomar banho antes de seguir para as próximas aulas em sala de aula.

Talvez eu tenha participado de uma ou duas aulas. Eu estava retraída e o professor não interferiu na minha decisão de ficar apenas conversando durante as aulas. Havia uma pequena vontade de participar, mas eu a suprimi com receio de chamar a atenção dos colegas para meus erros e falhas. Pensando bem, isso foi algo

que sempre acompanhou: o medo de errar. Gostaria que o esporte na escola tivesse menos foco no desempenho e mais na participação e envolvimento geral, assim a cobrança seria menor e estaríamos livres para fazer o que hoje chamamos de “fruir”.

O meu último ano do ensino médio foi frustrado por uma depressão não diagnosticada na época. Some-se isso ao aparecimento de inúmeros abscessos em meu corpo onde eu permanecia sete dias em casa de atestado. Resultou numa reprovação por faltas. Essa notícia foi recebida por mim com profunda tristeza e frustração. O arrependimento de ter negligenciado os estudos era tão grande que eu queria poder voltar no tempo e fazer tudo diferente.

Os planos agora eram fazer uma prova supletiva para avançar com o ensino médio, e tentar ingressar numa faculdade. Nesse meio tempo surgiu uma oportunidade de trabalho que agarrei imediatamente. Encontrei um exame supletivo a 207 km de distância da minha cidade em que a prova era realizada em 4 etapas ao longo do ano. Então durante aquele ano trabalhei, viajei para realizar as provas e frequentei um cursinho pré-vestibular.

Meu sonho era ingressar no curso de psicologia. Na época (2004 e 2005) estava iniciando o ProUni e era possível concorrer a bolsas de cinquenta e de cem por cento em até cinco faculdades. O processo era encerrado com o resultado da aprovação em alguma das opções pretendidas ou a reprovação. No primeiro ano me inscrevi em quatro faculdades para psicologia e uma para direito. Fui contemplada com uma bolsa de cem por cento para direito em São João Del Rei, MG. Contudo a faculdade não formou turma para direito e eu não sabia que poderia migrar para outro curso ou aguardar o próximo semestre. Também não fui aprovada para outras universidades que prestei vestibular.

Então, no ano seguinte decidi focar nos estudos e saí do trabalho com intuito de ter mais tempo para estudar. E mais uma vez realizei o Enem e me inscrevi em cinco faculdades pelo ProUni. Dessa vez quatro para psicologia e uma para Educação Física, pois a faculdade era em uma cidade vizinha e minhas tentativas de mudar de cidade já haviam se esgotado. Pois foi justamente para Educação Física na Universidade de Caratinga (Campos Nanuque – MG) que fui contemplada com uma bolsa integral.

Até o momento da inscrição no ProUni eu não sabia que existia graduação para Educação Física e confesso que fiquei empolgada com a possibilidade. Então, quando saiu o resultado com minha aprovação, minha mente foi tomada por minhas memórias de infância que permearam esse universo. Fez muito sentido para os professores e colegas do ensino fundamental, contudo meus colegas do Ensino Médio não entenderam absolutamente nada sobre meu ingresso na faculdade de Educação Física. Sou uma mulher de muita fé e hoje percebo que Deus encaminhou todas essas circunstâncias por misericórdia e por me ver no futuro.

Iniciei meu curso em fevereiro de 2007, e nesse mesmo mês consegui um trabalho numa academia de musculação em um clube da minha cidade, como secretária do profissional responsável. Ele foi muito generoso comigo me ensinando coisas específicas da musculação, de aulas de ginástica, step e jump. Alguns meses depois tive a oportunidade de ser instrutora de Ginástica Laboral na Suzano Papel e Celulose. Nessa época eu viajava 20 km pela manhã para o local do trabalho e ao final do dia, retornava à minha cidade direto para o ponto do ônibus que ia para a faculdade, e viajava mais 60 km para estudar. Esse traslado tornou exaustiva minha jornada e desisti do trabalho na Suzano, retornando para a academia.

Nos anos seguintes (2007 e 2008) eu permaneci na academia e ministrei aulas de natação e hidroginástica neste clube. Fui admitida como professora de EF numa escola particular em que as aulas eram realizadas apenas para o fundamental II, no mesmo sistema da escola em que estudei – uma aula por semana em turno oposto, duas turmas por vez, separados por gênero. Ao dialogar com a diretora sobre as mudanças que a EF sofreu ao longo dos anos para se tornar mais democrática e inclusiva, ela decidiu incluir na grade mais uma aula semanal, dessa vez dentro do turno. Após um tempo, a diretora decidiu incluir uma aula semanal na grade do Fundamental I e me oportunizou. Trabalhei nessa escola durante sete anos.

Ainda em 2007 o gestor do clube que eu trabalhava comentou sobre um projeto que estava na gaveta há algum tempo, onde era prospectada uma parceria entre a Aracruz Papel e Celulose (mantenedora do clube) e a prefeitura de Nova Viçosa para fomentar aulas de natação a princípio, e posteriormente outras modalidades seriam incluídas. Ele confiou a mim o desenvolvimento desse projeto e eu fui em busca de parcerias.

Os beneficiados com o projeto seriam os melhores alunos das escolas públicas da cidade e contei com a ajuda da gestão das escolas para fazer essa seleção. Selecionados os alunos, o passo seguinte foi submetê-los ao exame clínico, e para essa etapa recorri ao médico proprietário do empreendimento que me proporcionou meu primeiro emprego. Ele ofertou os exames gratuitamente aos estudantes. O material de uso pessoal para a natação foi fornecido pela Aracruz Papel e Celulose assim como o local de aulas, e a remuneração dos professores foi feita pela prefeitura. Em 2008 foram incluídos o voleibol e a dança no projeto e eu ministrava essas aulas.

Em 2009 a Prefeitura de Nova Viçosa abriu concurso com 10 vagas para professores de EF e eu fiquei em segundo lugar. Em dezembro daquele ano eu coleei grau como licenciada em EF, ganhei meu primeiro filho e fui aprovada em meu primeiro concurso. Em 2010 iniciei minha jornada como servidora pública efetiva. Durante os anos seguintes acumulei funções na carreira de profissional de EF ministrando aulas em duas escolas (a privada e a pública), aulas de natação no clube, e aulas de ginástica para uma turma de mulheres, e jogava vôlei aos finais de semana com uma turma de amigas. Em 2012 ganhei meu segundo filho.

Ao iniciar minha jornada na escola pública percebi que o esporte na escola tinha ainda as mesmas características de quando eu era estudante, que nada tinha a ver com os ensinamentos que eu havia obtido na graduação. Foi aí que começou minha maior luta na Educação Física. A princípio eu queria mostrar aos colegas professores que os estudantes teriam mais oportunidades de participar das aulas se não focássemos nos Jogos Escolares e fui muito ingênua nessa tentativa. Passei alguns anos sendo hostilizada, mas não perdi o ideal de oportunizar o esporte a todos durante as aulas de EF. Contudo, meus alunos sempre participaram dos Jogos Escolares pois não era meu objetivo negligenciar essa vertente do esporte.

Esses anos ministrando aulas na rede pública foram de adaptação, aprendizagem e de muita inquietação. Desde os tempos de estudante percebia o rigor de competição que o esporte ocupava nas escolas. Isso sempre me incomodou bastante, principalmente porque tal situação parecia me tirar o direito de participar, uma vez que eu não tinha vocação para atleta. As aulas de EF sempre eram direcionadas ao treinamento da equipe que representaria a escola nos jogos escolares.

Em 2016 retornei à faculdade para estudar mais um ano a fim de obter o título de Bacharel. Passei a estudar a noite na cidade vizinha, na mesma faculdade que havia feito a licenciatura. Saí da escola particular e parei com as aulas de ginástica e natação.

Ao final de 2017 fui convidada pela então Secretária de Educação, para assumir a direção de uma escola de ensino fundamental I. Aceitei o desafio e iniciei em 2018. Poucos meses depois fui convidada a compor a equipe da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto onde permaneci até início de 2020 quando iniciou a pandemia do Covid-19.

Esse período foi de muitas realizações profissionais. Como coordenadora dos professores de EF eu tive a oportunidade de me reunir com eles a fim de discutir os percursos que a EF tomou durante as últimas décadas para assim direcionarmos o plano anual. Em 2018 organizei pela primeira vez o JEA - Jogos Escolares da Amizade, evento que acontece aqui na cidade há quase 30 anos.

Dentre as mudanças que tivemos, algumas foram a ampliação de modalidades, para que o planejamento do professor fosse mais abrangente; a restrição da inscrição do estudante a apenas uma modalidade coletiva e uma individual, com o intuito de oportunizar a participação de outros estudantes; discutimos, editamos e oficializamos um regulamento próprio com regras ajustadas para o contexto de jogos escolares. Cada professor recebeu cópia desse regulamento que o acompanhou durante a semana de jogos para possíveis reclamações. Tudo isso foi feito de forma democrática e colaborativa durante as reuniões de planejamento e trouxe bastante conforto na realização dos jogos.

No início de 2018 fiz concurso para a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e novamente fui aprovada em segundo lugar. Assumi a cadeira em fevereiro de 2019 e me dividi entre Secretaria de Educação (20h semanais) e escola de ensino médio (40h) ao longo de 2019.

Em 2019 organizamos um calendário para os Jogos Escolares para que no primeiro trimestre ocorresse a primeira etapa com os jogos coletivos de Futsal e Handebol. A intenção era saciar estudantes e professores apaixonados por essas modalidades e, ter tempo hábil para trabalhar outras modalidades até o fim do ano.

No segundo trimestre tínhamos o primeiro Jeinha (Jogos Escolares da Amizade – Fundamental I). Dessa forma conseguimos instituir efetivamente a EF no Ensino Fundamental I e inserir os estudantes no universo esportivo. As modalidades foram Futsal e Queimada. Foi uma experiência fantástica.

Para o terceiro trimestre planejamos o JEA Praia. Como disse anteriormente, Posto da Mata é distrito de Nova Viçosa, cidade litorânea com grande potencial para esportes na areia, porém pouco trabalhados. Nesse projeto tentamos vários objetivos: sediar os Jogos Escolares lá, pois devido as dimensões de Posto da Mata o JEA sempre acontecia aqui uma vez que o deslocamento dos alunos se tornava mais propício, fato que sempre causou um incômodo aos moradores da sede do município que gostariam de sediar os Jogos. Também era objetivo desse projeto ampliar o currículo esportivo dos estudantes, então selecionamos para este momento o vôlei de praia (dupla e quarteto misto), a peteca e a corrida. Todavia este projeto não pôde ser realizado devido às ocorrências de lama oriundas de petróleo que acometeram a costa brasileira em 2019. O JEA Praia foi cancelado na semana anterior ao evento.

O início do ano letivo de 2020 foi surpreendido pela Pandemia do Covid-19 e a suspensão de qualquer atividade em grupo. Foi quando solicitei à Secretária de Educação meu retorno para a escola de ensino fundamental II. Até o final de 2021 trabalhamos com aulas remotas e vejo que essa circunstância trouxe algo positivo para a disciplina de EF: o foco em temas pouco trabalhados, mas muito importantes para a base da EF escolar.

Em 2022 ganhei meu terceiro filho e permaneci em licença maternidade até agosto. Meu retorno para a escola de ensino médio foi de grande satisfação para mim e para meus alunos. O período sem aulas presenciais fez acalmar o espírito competitivo que pairava sobre a EF escolar pois os Jogos Escolares não haviam acontecido. Isso trouxe um clima amistoso entre os estudantes, o que proporcionou uma aprendizagem mais fácil de esportes não convencionais. Naquele ano consegui uma quadra de areia para a escola e trabalhamos Vôlei de Praia e Futevôlei.

O retorno para a escola de ensino fundamental II não foi tão tranquilo. A quadra é localizada a 300m de distância da escola. É um espaço amplo com quadra coberta e banheiros, mas sempre tivemos dificuldades com o uso indevido dela pela comunidade, inclusive durante o horário de aulas. Nos anos anteriores à minha

remoção para a secretaria de educação, eu havia buscado com sucesso a presença de um chefe de disciplina para acompanhar os alunos nesse traslado até a quadra, bem como a permanência dele durante as aulas para assegurar que as aulas não seriam interrompidas.

Porém, pós pandemia, nos deparamos com uma quadra totalmente depredada, cheia de lixo, pichações, e com pessoas da comunidade utilizando em horário de aula e se opondo a ceder para uso da escola. Mais uma vez fiz a solicitação junto à secretaria de educação para retomar a estrutura anterior, mas dessa vez não obtivemos sucesso e as aulas (2h/a semanais) passaram a acontecer dentro da sala de aula. Tentei criar situações de aulas utilizando o pátio, mas a direção não permitiu, alegando que o barulho e a movimentação atrapalhariam os alunos dentro das salas de aula.

O ano de 2023 começou com muita alegria ao sair o resultado do Proef e novamente fui aprovada em segundo lugar. Solicitei uma licença sem remuneração da escola de ensino fundamental II (município) e passei a me dividir entre o mestrado e a escola de Ensino Médio (estado).

Já nas primeiras aulas descobri qual seria meu objeto de estudo. A primeira disciplina – Problemáticas da Educação Física – ministrada pelos professores Ana Carolina Rigoni e Ubirajara de Oliveira, trouxe à tona as situações cotidianas nas aulas de EF e suas circunstâncias, comuns a maioria dos professores brasileiros. Dentre as problemáticas apresentadas, me identifiquei instantaneamente com a questão do “Ensino dos Esportes”, tema que fez emergir minha pesquisa.

Percebi que o meu incômodo estava diretamente ligado a maneira de se ensinar-aprender o esporte a partir de uma lógica tradicional que reforça as práticas reprodutoras e adestradoras onde as competições escolares escancaram esse *modus operandi*. E meu objetivo passou a ser a investigação de métodos de ensino que trazem o aluno de volta ao centro dos interesses pedagógicos e a Pedagogia do Esporte trouxe luz à minha prática escolar.

Escrevo essa dissertação enquanto estou em licença maternidade do meu quarto filho (a primeira menina) e cito isso para mostrar que é possível para a mulher contemporânea ser profissional e estudar, sem lançar mão da maternidade.

Dessa forma, convido o leitor a percorrer os olhos nas páginas que se seguem para compreender os rumos que a presente pesquisa tomou.

1. INTRODUÇÃO

O panorama da Educação Física no Brasil demonstra a sua constante evolução ao longo das décadas. O início de suas atividades no Brasil foi marcado por uma tendência higienista caracterizada pela ênfase na saúde e prevenção de doenças. Depois a Educação Física ganhou interfaces militares, e tinha características de preparação do homem para a guerra. Mais tarde, com a Ditadura Militar, a Educação Física passou a servir à preparação atlética de competições esportivas, com o intuito de descobrir talentos.

De acordo com Bracht (2000), é importante dizer que o esporte, enquanto fenômeno cultural, foi assimilado pela Educação Física, inicialmente, sem que isto modificasse a visão hegemônica de sua função social, mas, paulatinamente, o esporte se impõe à Educação Física, ou seja, a instrumentaliza para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. A princípio este processo não foi acompanhado de uma reação crítica da Educação Física, muito ao contrário, ele foi saudado como elemento de valorização, que passa a ser sinônimo do esporte na escola. A reação se dá tardiamente, nos anos 80.

A década de 80 é marcada pela crítica ao paradigma da aptidão física e esportiva. Ainda hoje, essas concepções geram dúvidas sobre a verdadeira identidade da Educação Física. Essa eterna busca causa muitos desencontros entre nós e nossas práticas docentes. González (2020) pontua que as práticas docentes no Brasil podem ser classificadas em três categorias: aquelas caracterizadas por práticas tradicionais, baseadas na perspectiva esportivista onde o professor é o técnico e os alunos são sua equipe; o abandono do trabalho docente (ou desinvestimento pedagógico), que geralmente apresenta-se na forma de uma aula “rola bola” com pouca interferência do professor; e práticas inovadoras, caracterizadas pelo empenho em ensinar conteúdos específicos da disciplina, buscando metodologias emergentes.

Há uma expectativa nos professores de EF do Ensino Médio de que os estudantes tenham vivenciado inúmeras práticas corporais, acompanhadas de efetivas experiências motoras ao longo do ensino fundamental e cheguem à esta etapa da educação básica compreendendo seu corpo e suas habilidades e assim, as aulas possam “evoluir” para preparação dos estudantes para os torneios e festivais esportivos. Mas há muitos equívocos nessa expectativa e nesse percurso.

Podemos pontuar como alguns desses equívocos a iniciação esportiva precoce e a negligência esportiva, ambos muito presentes no cenário escolar do Sul da Bahia, de onde falo. Por aqui o cerne da EF é o esporte, e desde muito cedo as crianças são treinadas para Jogos Escolares focando principalmente em duas modalidades: Futsal e Handebol. Ficando as outras práticas corporais lançadas ao esquecimento, e comprometendo seriamente as experiências motoras dos estudantes.

Uma vez no Ensino Médio dois grupos polarizados de estudantes se destacam entre os demais: aqueles alunos/atletas que vivenciaram o universo das competições esportivas e chegam ávidos pelos treinos; e o extremo oposto, os que não “gostam” de EF, - que na verdade não gostam porque foram negligenciados e deixados à vontade durante as aulas, fazendo o que quisessem, inclusive nada – e pretendem ter a mesma postura no EM. E, não por acaso, esse segundo grupo representa uma grande fatia dos estudantes. E eu me pergunto: onde está o grupo de estudantes que compreende a cultura corporal do movimento como um direito de todos e se apropria dela?

A rede estadual da Bahia, há mais de duas décadas, tem os tradicionais Jogos Escolares da Bahia (JEB) e todos os anos, já no início, os professores de Educação Física são convocados para a reunião dos Jogos Escolares a fim de iniciar a preparação e organização destes. Dessa forma, somos cobrados pela comunidade escolar a ter um bom desempenho, inclusive por parte dos alunos. E isso orienta a agenda de trabalho do ano letivo.

Em consequência dessa realidade, os professores de EF se veem num grande impasse ao lidar com o esporte no Ensino Médio: dar aulas de EF para todos ou treinar os mais habilidosos para as competições? E ao perder as forças na militância contra o treinamento esportivo na escola, terminamos por nos render a ele.

A negligência docente ao tratar o esporte da escola aos moldes do esporte de rendimento traz graves sequelas. Quero aqui ressaltar duas: a primeira, e para mim a mais grave, a exclusão dos menos habilidosos e consequente estigmatização de inaptidão, gerando o afastamento da EF e prejuízo motor e social. E a segunda, não menos importante, a especialização precoce de um pequeno grupo e a falsa ideia de que a EF deve ceder espaço ao treinamento esportivo. Tais fatores modelam o perfil

dos estudantes que ingressam no Colégio Estadual Prof.^a Jane Assis Peixoto, onde atuo como professora de cerca de 800 alunos.

Há grandes dificuldades em encontrar um denominador comum na prática docente que atenda à demanda dos Jogos Escolares, mas que não tire o ser humano – aluno(a) – do centro. E o advento do Novo Ensino Médio tornou ainda mais complexa a dinâmica de aulas pois a disciplina de Educação Física teve uma redução de duas para uma hora aula semanal.¹ É nesse interim que o esporte educacional tenta se legitimar, buscar forças de existir sem que a meta seja as medalhas, mas o desenvolvimento humano integral.

Posso caracterizar minha atuação docente pela busca da adesão da turma no desenvolvimento das aulas, pois meu objetivo primordial é oportunizar a vivência das práticas corporais e sociais a fim de que adquiram autonomia para a prática em outros espaços fora da escola, com garantia de aquisição de valores essenciais à convivência em sociedade, em momentos de lazer. Mas percebo que as Práticas Tradicionais (Gonzalez, 2020) são muito comuns, aquelas caracterizadas por condutas esportivistas, onde o esporte é o protagonista e os alunos mais habilidosos tem mais oportunidades.

Gonzalez et al., (2014) remontam ao pós-guerra, quando o palco eram os Jogos Olímpicos e disseminou-se, internacionalmente, o modelo da pirâmide esportiva que atribuía à Educação Física escolar, ou mesmo à escola, o papel de iniciar os alunos nos esportes de maneira a fomentar o surgimento de talentos esportivos que comporiam, no futuro, as equipes representativas estaduais e nacionais. A partir dessa visão, as aulas de Educação Física passaram a assumir as características de aulas de iniciação esportiva, proliferaram as competições esportivas escolares nos diferentes níveis (escolar, municipal, regional, estadual e nacional) que assumiram um caráter orientador e normativo para o trabalho dos professores de Educação Física nas escolas.

Diante desse cenário algumas questões começaram a emergir. Como trabalhar o esporte de forma participativa e democrática? Como atender a demanda dos Jogos Escolares, sem perder o foco da Educação Física escolar e do ser humano? Como criar estratégias para combater as práticas tradicionais ou esportivizadas? Como

¹ Lei Nº 13.415

romper pensamentos cristalizados na prática da Educação Física Escolar? De que forma o ensino do esporte pode auxiliar no desenvolvimento da autonomia e criticidade dos estudantes?

Nota-se que na prática docente, a seleção de conteúdos está muito atrelada às paixões, vivências e afinidades de cada professor. Assim, aquele professor que teve uma jornada, quando jovem, em determinado esporte, se mostra mais inclinado a trabalhar com ele em suas aulas do que com outra modalidade que não vivenciou. Da mesma forma podemos perceber que profissionais que no passado tiveram sua carreira esportiva interrompida, transferem essa paixão para seus alunos, assumindo uma postura de técnico esportivo.

Os profissionais que tendem ao perfil de treinamento esportivo buscam respaldar sua prática docente nos benefícios do esporte para o indivíduo – tais como disciplina, fair play, respeito ao próximo – e a defesa do esporte como prática corporal normatizada pela BNCC. Todavia, sua práxis escolar cotidiana acaba por caminhar distante do que se espera para o Esporte escolar. Isso se dá também pela ausência de ações que fomentem o diálogo entre os professores da rede como cursos de formação continuada, oficinas, entre outras, causando um hiato cada vez maior entre a EF real e a EF ideal.

O esporte como fenômeno social que é, se destaca pela sua principal característica que é a competição, e Rufino, et al. (2016) pontuam que a relação entre o esporte e a competição é tão entrelaçada a ponto de sua indissociabilidade ser algo realmente difícil de ser concebida na sociedade atual. Assim, apresentar o esporte de uma forma em que a competição não seja a meta, mas sim a aprendizagem para a autonomia e lazer, é de difícil compreensão para os alunos. Ainda é latente o pensamento de que “os melhores alunos sempre representam a escola em Jogos Escolares”.

Ao serem questionados no cotidiano escolar, acerca das experiências positivas e negativas na vivência das aulas de EF com os esportes ao longo do ensino fundamental, as respostas dos estudantes estão inclinadas a dizer por exemplo, que *“foram escolhidos para compor a equipe da escola para competir em outras localidades”* ou que *“não foram selecionados para tal”*; ou ainda que se *“machucaram em competições”*. Muitas destas respostas dizem que *“não tenho experiências com EF porque nunca gostei de participar”*, e nestas respostas tenho a sensação de que a

grande maioria desse grupo não gosta porque não teve espaço e oportunidade para aprender a praticar. Há muito assunto de trás de cada um desses depoimentos.

Nesse sentido, é necessário promover ações que colaborem com o tratamento do esporte educacional, que fomente a formação de sujeitos críticos e autônomos, desenvolvendo valores éticos em relação à prática esportiva e à Educação Física, e com condições de exercer atitudes responsáveis e cidadãs como sujeitos da construção de uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar e descrever as percepções sobre o ensino dos esportes coletivos nas aulas de Educação Física Escolar na Escola Estadual Professora Jane Assis Peixoto;

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as propostas, métodos e suas implicações no ensino dos esportes coletivos e as possibilidades contemporâneas de abordagem;
- Ampliar o olhar sobre as práticas no ensino do esporte contemporâneo;
- Propor uma abordagem no ensino médio a partir da pedagogia do esporte.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 O Ensino Médio, a Educação Física e o Esporte

3.1.1 O Ensino Médio

Em 2019, ocasião em que fui efetivada professora do Estado da Bahia e ingressei no Colégio Estadual Prof^a Jane Assis Peixoto, o Ensino Médio ainda não havia “sofrido” a reforma, e o componente Educação Física contava com 2 horas/aulas semanais na grade curricular. A escola também contava com um projeto de extensão intitulado “Modalidade Esportiva”, onde os alunos frequentavam aulas de esportes com os quais se identificavam, ofertados na própria instituição. Cada modalidade esportiva contava com um dia da semana, em turno oposto, em 2 horas de duração. Sendo assim a escola ofertava 2h/aulas de aulas de EF e mais 2h/aulas de ensino do esporte através do projeto Modalidade Esportiva do Governo do Estado.

Essa configuração atendia bem a agenda dos Jogos Escolares programada pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Inclusive naquele ano a escola teve seu melhor desempenho nos Jogos, chegando a ser vice-campeã no Handebol Feminino. As equipes vivenciaram experiências incríveis, conheceram lugares e pessoas enquanto viajávamos pela Bahia competindo.

Porém em 2020 com a chegada do Novo Ensino Médio, as aulas de EF foram reduzidas pela metade (de 2 para 1) e perdemos o projeto de aula de esportes. Em março do mesmo ano tivemos a escola fechada em decorrência da pandemia do Covid 19. Em 2021, após 1 ano inteiro sem aulas, tivemos o retorno das aulas de forma remota, e percebo que apesar da ausência de aulas práticas, a EF teve um ganho enorme, pois a estrutura de aulas em vídeo e o uso de tecnologias nos permitiu avançar em conteúdos da área pouco explorados.

No segundo semestre de 2021, quando as escolas retomaram suas atividades, o Colégio Jane Assis entrou em reforma e permaneceu com aulas remotas até o fim daquele ano. Em fevereiro de 2022 eu entrei em Licença Maternidade e os alunos permaneceram sem aulas de EF até agosto, quando retornei. A escola não conseguiu encontrar professor licenciado e habilitado para atuar nestas aulas, ficando os alunos em “aula vaga” durante todo o período da minha licença.

Ao retornar para as aulas presenciais me deparei com a dura realidade do Novo Ensino Médio na Bahia. Apenas uma hora/aula semanal, alunos estressados por não

terem aulas de EF desde a pandemia, pelas mudanças impostas e por todas as adaptações que esse processo requereu.

Fui recebida com bastante ansiedade, tanto por parte dos alunos que finalmente teriam aulas de EF, quanto pela equipe gestora que estava vivendo o caos da aula vaga. O processo de retomada foi mais tranquilo do que eu esperava. Devido ao grande período de ausência de aulas práticas, percebi que os estudantes não tinham mais aquele perfil de aclamação ao treinamento esportivo. Ao contrário disso, as características que eu sempre busquei estavam agora presentes naqueles corpos: a receptividade ao novo, o jogo amistoso, a colaboração com os demais para se divertirem jogando juntos.

No fim daquele ano tivemos a oportunidade de vivenciar o Futmesa, e essa nova modalidade foi muito bem recebida pelos estudantes. Foi bastante prazeroso sair do “mais do mesmo” que aqui se resume a Futsal e Handebol.

No período pós pandemia, vimos uma crescente onda de avaliações de desempenho com o objetivo de aferir as aprendizagens obtidas em diversas áreas - Olimpíada de Matemática, de Ciências, e tantas outras. E não é diferente com a Educação Física. Podemos perceber que o Estado e a União averiguam o nível de desempenho físico e esportivo dos estudantes, e conseqüentemente das aulas de EF, pelos resultados dos Jogos Escolares. Percebe-se aqui uma grande contradição entre a concepção de aula de EF com foco em Jogos Escolares, e o direcionamento acadêmico que recebemos na formação inicial (graduação) e nas formações continuadas.

Fensterseifer e González (2018) nos trazem clareza acerca das incumbências de uma escola democrática². Dentre outras coisas, a escola precisa assegurar que todos os alunos tenham acesso às aulas, sem distinção, exclusão e separação. Nessa mesma vertente, temos sido direcionados ao longo da trajetória acadêmica e profissional – já como professores efetivos das diversas redes do Brasil – a planejar e ministrar aulas que sejam compatíveis com essa concepção. Aulas democráticas e participativas, que trabalhem de forma integral o estudante, e não apenas habilidades específicas isoladas com um grupo seletivo de alunos, como o treinamento esportivo

² Corroborando com o artigo 206 da Constituição Federal em seus incisos:

- I. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. liberdade de aprender, ensinar (...).

requer. É incompatível a expectativa dos resultados dos Jogos Escolares com os objetivos da EF escolar.

O que justificaria então o professor de EF captar os alunos mais habilidosos em determinado esporte e, segregando o restante da turma, transpor a aula de EF para uma abordagem de treinamento esportivo em prol de prepará-los para competições de Jogos Escolares. Esse contexto poderia ser chamado de aula de EF?

Ainda que esse contexto de segregação da maioria para que uma pequena minoria, já apta, se torne ainda mais habilidosa em uma determinada modalidade, fosse ética e aceita; como o professor poderia dar conta de uma demanda tão grande contando apenas com uma hora aula semanal?

Vamos conjecturar uma possibilidade de sucesso da perspectiva de aulas de EF visando Jogos Escolares como uma abordagem eticamente aceita na área, comparando com as aulas de matemática visando a OBMEP. Nesse contexto, o professor de Matemática dá aula para todos, sem excluir nenhum de seus alunos da explicação ou dos exercícios. Ele foca em atividades com a mesma abordagem da prova e dispõe de, no mínimo, três horas aulas semanais. Ele não precisa fugir do conteúdo proposto para a turma e enfim, todos que quiserem farão a prova e a turma avança na matemática da vida.

Agora um professor de EF utilizando suas aulas como preparação dos Jogos Escolares: ele seleciona os alunos mais habilidosos com os quais irá realmente trabalhar. Os outros estudantes terão a opção de não fazerem nada ou de jogarem o que quiser livremente. Dentre os selecionados nessa primeira etapa, uma outra parte será excluída no processo, afinal o caráter competitivo inerente ao esporte é incompatível com uma escola democrática (Fensterseifer e González, 2018).

E ao final do processo, um pequeno grupo irá para a prova – digo, Jogos Escolares – para provar que a EF da escola realmente funciona, e a grande maioria dos alunos - que não participou - também não pôde aprender os conteúdos da EF. Estes sim, poderiam provar que essa EF não funciona, mas terão suas vozes caladas pela soberba e arrogância da equipe vencedora adentrando à escola portando as medalhas e troféus conquistadas graças ao empenho do professor-técnico-herói.

Não é à toa que apenas os alunos mais habilidosos apreciam o esporte, enquanto muitos ficam alheios da oportunidade da prática, por se sentirem

despreparados ou inaptos, passando a detestar qualquer atividade lúdico-esportiva ao longo de sua vida, reproduzindo isso com seus filhos (Daólio, 2002).

O início de 2023 foi de grande expectativa para mim, pois agora aluna do ProEF imaginei ganhar um novo direcionamento para planejar e executar as aulas. No entanto fui frustrada por um grande opositor ao sucesso das aulas: a estrutura física da escola. E aqui começa um novo “capítulo” dessa história.

Minha escola é construída num terreno em declive, onde o único espaço plano é a quadra. Esta por sua vez não é coberta, e devido ao grande número de bolas perdidas muros afora, e telhas quebradas nas casas vizinhas, a direção optou por instalar uma tela de proteção no entorno e acima da quadra, vedando as possibilidades de voo da bola. A solução atendeu a demanda, porém inviabilizou a prática do Voleibol, pois qualquer levantamento é crucial para fazer a bola tocar a rede e frustrar a jogada. Quero expor essas circunstâncias aqui para se fazer nota de que as possibilidades de prática vão sendo minguadas na realidade desta escola.

Souza Lima (1998, p. 31) nos clarifica que a escola não é um local para estacionamento de crianças. O espaço físico é de grande valor e está sendo totalmente desprezado. Nos projetos de construções escolares, não há espaço para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes, o que limita as possibilidades de aprendizado.

A quadra da escola também é utilizada indevidamente pela comunidade do entorno, que pula os muros para acessá-la nos horários em que não há aulas. Esse uso gera um acúmulo de lixo bastante incômodo para mim (garrafas de bebidas quebradas dentro da quadra, maços de cigarro, preservativos, vezes humanas e até cigarros de maconha já utilizados), mas parece que nem tanto para os alunos que estão sempre colaborando para o aumento da quantidade de papel de bala e chips, e garrafas pets espalhadas pelo local.

O problema é acentuado porque os moradores vizinhos da quadra também se desfazem de suas sacolas de lixo doméstico desovando-as muro adentro da escola. Agora soma-se a isso, a ausência de manutenção da área em volta da quadra e da escola. O mato cresce, o lixo se envolve naquilo e se torna um ambiente inóspito para uso, principalmente tratando-se de atividades físicas.

Essa inquietação me fez tomar uma medida drástica, que vislumbrei gerar uma educação para a manutenção do meio ambiente, mas que ao longo do ano percebi meramente paliativa. Ao início de cada trimestre, incentivo os estudantes a executarem uma limpeza no ambiente. Assim, os voluntários varrem a quadra, tiram o lixo, rastelam o entorno. Mas em poucos dias o lixo está presente novamente. Presenteio os voluntários com um bônus de 2 pontos extras, mas com o passar do tempo eles se sentem desestimulados a executarem essa tarefa. Compreensível.

No segundo trimestre de 2023 consegui que a direção da escola adquirisse uma quantidade de areia lavada para construirmos uma quadra de vôlei na área menos acidentada da escola. Esta área, porém, tinha bastante entulho e restos de construção. Os alunos se animaram com a possibilidade de um espaço para a prática de voleibol e futevôlei e se empenharam em limpar o espaço e espalhar a areia. Foi um processo bastante proveitoso, pois eles fizeram a medição da quadra e dos mastros de acordo com os padrões oficiais.

Ainda no segundo trimestre realizamos o 1º Torneio de Areia do Jane Assis, onde os alunos jogaram Vôlei de dupla e quarteto, e Futevôlei. E alguns alunos foram escalados para fazer a arbitragem do evento. Foi uma experiência diferente dos torneios que já organizei, pois este tinha uma sensação de pertencimento bem maior. A competitividade acirrada a que estávamos acostumados foi substituída por uma energia amistosa e uma torcida feliz por presenciar algo novo. Sim, o Voleibol é um esporte pouco ensinado nas escolas daqui. Percebo que os alunos se sentem muito mais à vontade para errarem em algo que é novo para eles do que em algo que eles já praticam a anos. Errar no Futevôlei é totalmente aceitável, mas errar no Futsal não! Esse é o pensamento deles.

Ainda que a bola caia no meio do mato e eles tenham que buscá-la pisando com os pés descalços em pedras, essa opção trouxe um renovo para a EF do Jane Assis, e para mim como professora. Mas ainda me sinto limitada. Não disponho de nenhuma área coberta que não seja a sala de aula com mesas enfileiradas para caber 50 estudantes. O pátio não pode ser usado pois é repleto de mesas e cadeiras de refeição. Não há sala de vídeo ou auditório. Então, ou estamos em sala de aula, ou estamos na quadra com o sol da Bahia acima das nossas cabeças. Com a chegada das altas temperaturas, comecei a investir nos jogos de tabuleiro e no tênis de mesa improvisado nessas mesas do refeitório, e os estudantes gostaram.

O presente estudo foi programado para iniciar juntamente com o período letivo de 2024, comportando as aulas do primeiro trimestre. Durante a Jornada Pedagógica me foi concedido espaço para detalhar as etapas do projeto para a equipe gestora e docentes. Nessa oportunidade expliquei um pouco sobre as atribuições da EF escolar e seu currículo para o Ensino Médio, sobre a demanda dos Jogos Escolares e como o Projeto poderia contribuir com o ensino dos Esportes.

Na segunda semana de aula os pais dos primeiros anos foram convocados para uma reunião com a direção e novamente foi me concedido espaço para informar aos pais sobre a importância do projeto para a vida escolar e esportiva dos estudantes. Nesta ocasião os pais concordaram e assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

O projeto aconteceu durante 21 aulas, sem prejuízos ou ônus para os estudantes, e está detalhado no capítulo 4 deste trabalho, em Metodologia. Ao final das aulas previstas entrei em licença maternidade, retornando apenas em 2025.

3.1.2 A Educação Física

Reitero que é comum a expectativa docente de receber os estudantes no Ensino Médio com um vasto conhecimento de práticas corporais, fruto de inúmeras vivências do ambiente escolar. E concatenado a isso, há também um desejo dos professores de EF de que os estudantes saibam satisfatoriamente conhecimentos específicos dos esportes coletivos mais difundidos no Brasil – Futsal, Handebol, Basquetebol, Voleibol - suas regras e fundamentos básicos e um pouco de estratégias de jogo.

É comum ouvirmos que esse grupo de esportes recebeu o apelido de “O Quarteto Fantástico”³, fazendo referência ao “mais do mesmo” da EF, como se eles fossem o básico a ser aprendido nas aulas. Em muitas escolas do Brasil, o que é considerado básico, ainda se constitui a meta para outras tantas.

Parece que a linha do tempo da EF está acontecendo agora mesmo. Temos nota de que em algumas escolas as aulas ainda acontecem em turno oposto com meninos separados de meninas⁴, em outras o foco da agenda de trabalho são os

¹ Expressão usada na área para se referir aos quatro conteúdos esportivos mais ensinados nas aulas de Educação Física, sendo eles o futebol, voleibol, basquetebol e handebol.

⁴ As escolas privadas da cidade de onde escrevo, ofertam as aulas de EF fora do turno de aulas, e separa meninos de meninas, agrupando duas séries em uma única aula.

Jogos Escolares⁵ e para atender à essa demanda a aula se torna treino. Na contramão de tudo isso, vemos também escolas e profissionais que dialogam com Paulo Freire no planejamento de suas aulas mostrando que percorreram os caminhos já percorridos pela EF idealizada e encontraram seu próprio caminho.

Ainda na atualidade, é comum vermos atividades pedagógicas tradicionais sendo realizadas nas escolas. No entanto, há professores que já estão adotando práticas inovadoras, inspiradas principalmente pelo movimento de renovação da Educação Física no Brasil (Bracht; apud Maldonado, 2011).

Gostaria de perguntar à Rodrigues e Bracht (2010) se isso reflete a cultura de cada escola ou se é mesmo um período dessa linha do tempo, já vista anteriormente, e que ainda vai entrar em crise e buscar melhores condições de existir para seus alunos.

Mas voltando à expectativa da chegada do aluno ao Ensino Médio, essa é gigante e inversamente proporcional à realidade encontrada. A verdade é que recebemos alunos não de acordo com nossas expectativas, mas alunos oriundos dos mais diversos contextos e culturas escolares. Alunos com aprendizagens consolidadas, alunos negligenciados, e alunos com uma perspectiva equivocada da EF. Essas informações falam muito a respeito dos professores que passaram pela vida desses estudantes.

Aqui em território baiano, consigo identificar alguns grupos distintos de professores com práticas docentes bem peculiares. Quero convidar Gonzáles (2020) para dialogar acerca de três perfis de práticas docentes. Um perfil muito conhecido por aqui é também aquele reconhecido como “*professor de verdade*”, que “*treina a gente*”. O professor treinador, que trabalha visando as competições, que aliás, quando não se tem uma em vista, considera ter a opção de não dar aula. Mas que quando entra em campo com sua equipe, leva todos os troféus para a prateleira da escola.

Esse profissional, com uma prática pedagógica chamada por Gonzáles (2020) de tradicional, tem muito valor por aqui. Ele não precisa de sala de aula e seus alunos não precisam de caderno, não produzem trabalhos nem realizam avaliações. Sua presença nas reuniões da escola é facultativa, e ele anda pela escola com um ar de celebridade. Os(as) alunos(as) mais habilidosos são seus melhores amigos. Já dentre

⁵ As escolas estaduais da Bahia organizam as aulas de EF baseadas no JEB (Jogos Escolares da Bahia).

os alunos nem tão habilidosos assim, os meninos tentam não o encarar porque acreditam não serem dignos de participar de suas aulas/treinos e nem de ganharem sua atenção, e as meninas tentam conquistar sua amizade para não serem cobradas da participação nas aulas práticas, ou para pedir uma segunda bola a fim de jogarem qualquer coisa, do jeito delas, sem orientação. E aos poucos os meninos se juntam às meninas para jogarem, quem sabe, uma queimada.

Outro grupo de profissionais se destaca por aqui – e pelo Brasil afora. Aqueles que ao identificarem como “inadequada” a abordagem do grupo Tradicional, condena tanto a metodologia que acaba condenando o próprio esporte. Se lamenta pelos alunos negligenciados e pelos extremamente esportivizados, mas ficou preso na lamentação e não consegue romper desse lugar rumo à criação de novas práticas que atenda democraticamente os estudantes. A esse grupo Gonzáles (2020) chamou de Rola Bola, ou desinvestimento pedagógico.

O terceiro grupo citado pelo autor é aquele com Práticas Pedagógicas Inovadoras. Esse profissional busca por conhecimento extra para melhorar a qualidade de suas aulas e dar conta das demandas, porque não suporta olhar para seus alunos e perceber que não está fazendo a entrega que se comprometeu a fazer. Ele tenta aguçar a compreensão crítica de seus alunos sobre o que é a Educação Física e qual a função dela na escola e na vida dos estudantes. Ele busca alternativas para driblar a falta de estrutura física e ausência de materiais. Reconhece os alunos com deficiência na classe e os inclui nas atividades. É parceiro da escola e busca trabalhar em conjunto com as áreas do conhecimento. Ele sabe que não detém todo o conhecimento, por isso está a todo momento tentando aprender algo que possa agregar nas suas aulas, mas principalmente que possa acrescentar na vida dos estudantes.

Cada um desses profissionais – Tradicional, Rola Bola ou Inovador (Gonzáles, 2020) - acrescenta algo positivo na vida de seus alunos, ao passo que parece impossível não negligenciar uma parcela. O professor treinador/tradicional por exemplo, vai proporcionar momento ímpares para os alunos que jamais teriam vivenciado as viagens, as medalhas e o prazer de competir nos Jogos Escolares em outras localidades se seu professor não tivesse o esporte e a competitividade na veia. Quantos atletas não têm gratidão por um professor que na vida escolar lhes ensinou

seus primeiros conhecimentos acerca daquele esporte que talvez tenha se tornado sua profissão.

Contudo, Leite (2010) afirma que o esporte tem sido transmitido no ambiente escolar com a ideia da competição, e que essa ideia deveria estar em segundo plano, pois o ideal seria educar através do esporte.

Mas, quantos outros alunos da mesma turma do aluno que se tornou atleta, poderiam contar inúmeras experiências negativas como quando foram liberados daquela aula que se tornou treino, ou quando gostariam de jogar, mas não sabiam fazer a manchete e o professor nem percebeu pois estava ocupado demais aprimorando o talento dos talentosos.

Ou quantos alunos, negligenciados pelo professor Padrão Tradicional, não se lembram de um professor superbacana que deixava a aula livre e brincava com seus alunos. Que era um ombro amigo e aconselhava acerca das mazelas vividas em seus lares. Quantos desses profissionais não foram chamados de pais ou mães por estes estudantes. Mas nesse caso, os alunos mais habilidosos foram negligenciados e jamais saberão que futuro teriam naquele esporte que tanto se identificavam, mas que foi jogado de qualquer jeito na escola.

A supervalorização do esporte na escola e o empenho focado no rendimento esportivo gerou um efeito colateral que podemos chamar de negligência esportiva. Para refletir sobre isso Daólio (2002) explica que ao se focar na iniciação esportiva algumas situações podem ocorrer: a frustração e conseqüente abandono precoce de qualquer forma esportiva, ou a especialização, também precoce, em uma única modalidade, fato tão nefasto quanto o anterior.

Algumas teorias críticas da EF e autores defendem que é preciso transformar o esporte que é ensinado na escola em um esporte que dê aos alunos(as) um leque de atividades que os ajude na sua formação, ao invés de se concentrar em formar atletas (Leite, 2010).

Ao refletir nessa perspectiva, percebemos que o profissional idealizado para as aulas de Educação Física, àquele que Gonzales (2020) mencionou ter Práticas Inovadoras também não pode ser perfeito porque novamente irá frustrar alguma expectativa. Ele não será capaz de suprir por exemplo, o esporte de rendimento - fatia pertinente ao setor público e que a escola, equivocadamente, sempre abraçou.

Há que se conscientizar sobre a real função da Educação Física Escolar, para que não caiamos no erro de tentar suprir expectativas ou atendermos demandas que não são nossas e negligenciarmos nosso trabalho. Fensterseifer (2013) acredita que quando a instituição de ensino assume responsabilidades que extrapolam sua capacidade, há o risco de prometer o que não é possível cumprir e, conseqüentemente, desempenhar um papel ideológico.

De acordo com Barroso e Darido (2009), um dos principais obstáculos relacionados à prática de atividades esportivas escolares é a incerteza em relação à sua função educativa, especialmente devido à falta de um enfoque educativo claro e à falta de questionamento sobre o que é o esporte.

Há que se mencionar também a personalidade por traz do profissional. O *modus operandi* de cada professor fala muito sobre os lugares por onde passou. Lugares que podem ser físicos, emocionais ou interpessoais. Acredito que o indivíduo vive e se expressa de duas formas básicas: 1) espelhando e repetindo o que viveu; ou 2) negando o que viveu e projetando uma vida oposta, quer suas experiências tenham sido positivas ou negativas. Mostrando assim, que o indivíduo é a síntese de suas vivências (Freire, 1989).

A atuação docente dos professores de Educação Física costuma formatar bem esse quadro. Dessa forma, é necessário compreender os caminhos com os quais os professores aprendem, o que eles aprendem, e sobre quais circunstâncias esta aprendizagem ocorre (Flores, 2012) O legado que deixam depende dos agentes envolvidos na prática social – professores, suas intencionalidades, ações -, e não da prática social em si – o esporte -, portanto o legado está diretamente relacionado à formação dos sujeitos envolvidos nas ações esportivas (Marinho et al. 2014).

Bayer (1994) esclarece que a maneira de pensar de cada profissional lança verdades sobre seu ofício. Assim a ideia de aula de EF centralizada apenas no ensino técnico do esporte constitui-se uma maneira de pensar que norteia o ponto de vista de um número significativo de professores, para elaborar uma metodologia e lançar os fundamentos pedagógicos do seu ensino.

A maioria dos professores com metodologia Tradicional, como classifica González (2020), teve um professor de EF casca grossa, que fazia chorar, mas “*ensinava de verdade*”, naquelas aulas que se ouviam palavrões e insultos aos berros.

Muitos desses alunos tentaram galgar uma carreira no esporte, incentivados pelo seu professor treinador. E não é raro perceber que eles cresceram, desistiram da carreira de atleta, tornaram-se professores de EF e não encontrando espaço no setor privado de alto rendimento, projetam suas expectativas em seus alunos, constituindo um ciclo de rendimento esportivo no ambiente escolar.

Mas contrariando essa forma de refletir a vida, há pessoas que aprenderam com seus precursores o “como não fazer”. Essas pessoas tiveram experiências negativas, mas não a perpetuam como em efeito dominó. Quero crer que estou incluída nesse grupo dos que buscam fazer diferente de como fizeram com eles, tentando uma prática docente mais democrática e humanizada. Dando o lugar de protagonista ao estudante e não ao esporte. Assim, é o estudante quem usufrui do esporte, e não o contrário. Refletir sobre o esporte é refletir sobre o homem, afinal é o homem quem o pratica, quem o inventou, quem lhe dá forma e conteúdo (Bento e Grande, 1995).

Sempre amei movimento. Onde tivesse uma bola, uma música e crianças brincando ali estava eu. Confesso que não era muito habilidosa com os esportes. Não era a aluna atleta que meus professores e colegas esperavam. Mas amava jogar. Desde aquela época minha cidade tinha a EF como preparação para competições e eu estava ali só para completar o time. Possivelmente poderia ser escalada como reserva, mas não perdia uma partida.

Quando eu olho para meus alunos vejo essa Lisiane, que gostaria muito de jogar, aprender a jogar, e se divertir jogando e quando eu estou com eles é como se eu estivesse comigo lá atrás, ensinando para mim mesma como eu gostaria de ter aprendido. Falo com eles com carinho e leveza como eu gostaria que tivessem falado comigo.

Confesso que já fui a professora que não queria sucumbir ao tecnicismo, mas não sabia muito bem como fazer isso e se rendeu ao rola bola, ao ombro amigo, às conversas triviais. Na busca pelo meu espaço como docente em meio a um universo masculino e tecnicista também já tentei vestir as roupas de técnica e tratar meus alunos como atleta, mas não encontrei satisfação nessa roupagem e nem nos olhos dos meus alunos.

Mas minha inquietação em fazer para o outro como que para mim mesma é tão grande, que preciso desesperadamente fazer algo para mudar esse quadro onde estou. Charlot (2000) disse que ensinar e aprender vai de encontro à história do sujeito, às suas expectativas, à sua concepção da vida, às suas relações com os outros e à imagem que tem de si.

Esse contexto de aula de Educação Física baseada em princípios do treinamento esportivo pode ser bastante interessante para os potenciais atletas, e totalmente desinteressante para uma grande parcela de estudantes que “não possuem grandes habilidades esportivas”, causando assim o que Mezzetti (2020) chama de fenômeno arquibancada. Os estudantes se tornam plateia dos mais talentosos, por não terem acesso aos seus lugares no trabalho pedagógico das aulas de EF. Fato que ocorre cada vez mais cedo nas escolas, ainda nos primeiros ciclos de ensino.

A expectativa do professor com a chegada dos alunos ao Ensino Médio, mencionada anteriormente, precisa ser revista por cada profissional. Afinal, por que depositamos nossas expectativas de que os alunos saibam jogar o “Quarteto Fantástico” satisfatoriamente se isso prova apenas que a EF desse aluno ficou presa exclusivamente a isso? Sendo que, um aluno que demonstra disponibilidade em participar de novas práticas corporais, tranquilidade em situações de erro seu e de seus colegas, e facilidade em resolver situações de conflito demonstraria muito melhor que esse aluno usufruiu de aulas de EF que estão a caminho da EF ideal.

A famosa pergunta “O que é Educação Física?”, tem sido feita de forma equivocada. Bracht (1995) nos convida a refletir sobre o que estamos investigando quando fazemos essa pergunta aos nossos estudantes. Na verdade, deveríamos perguntar “o que a Educação Física vem sendo?”, pois se trata de um processo sócio-histórico em construção. O fato é que os próprios estudantes não saberiam responder qual o objetivo da EF. “Na maioria das vezes, no entanto, as respostas a esta questão expressam muito mais os projetos e os desejos do que deveria ser a Educação Física”.

3.1.3 O Esporte e a Educação Física

A Educação Física e o Esporte podem ser facilmente confundidos nas falas dos estudantes, das famílias e da comunidade escolar. Para muitos a Educação Física se resume a aprender Esportes e, as aulas certamente podem ser utilizadas para

treinamento de equipes que representem a escola em Jogos Escolares. Essa visão ainda é resquício do processo de esportivização que a EF sofreu, com ênfase nos anos 70, onde o principal objetivo era encontrar talentos esportivos. Tal época marcou tanto a história da Educação Física Escolar que, segundo Scaglia (2013) o que une a educação física ao esporte escolar é o conceito de educação esportiva. Promover tal unidade de forma descentralizada ainda é um desafio para professores, gestores e intelectuais.

Observamos que essa concepção histórica de tratamento do esporte na escola estabeleceu práticas repetitivas e em certa medida, ineficientes para crianças, ou seja, faltaram (e ainda faltam) pedaços de um “quebra-cabeça” relacionados ao esporte escolar, pedaços sem os quais o jogo não fecha (Sadi e Colpas, 2010). E é nesse mar de inconstâncias e repleto de imprevisibilidades que, por vezes, encontramos os professores à deriva, sem um plano claro de como chegar à terra firme (Paes, 2022).

Bayer (1994) enfatiza os cuidados que se deve ter com a relação entre o esporte e a criança para não abandonar o aspecto lúdico e todos os benefícios que os jogos não institucionalizados podem trazer às crianças, principalmente aos menores de 12 anos. Limitar-se aos esportes coletivos ou impor sua presença é negligenciar a realidade do mundo infantil e renegar os benefícios conquistados com a prática dos diversos jogos tradicionais.

João Batista Freire, ao prefaciar Galatti et al (2017) admite que a sociedade resiste em reconhecer os direitos fundamentais da criança. E explica que a criança tem o direito de ser tratada como criança no esporte, e não como a réplica, em miniatura, de um atleta de rendimento. O autor acrescenta que “a especialização precoce e o abandono do jogo são daninhos à formação da sociedade humana civilizada.”

É bastante perceptível que as aulas de EF vão perdendo o caráter lúdico e a presença de diversas práticas corporais ao longo do Ensino Fundamental. Isso se acentua ainda mais com a mudança de ciclo do Ensino Fundamental 1 para o 2. Nesta fase é comum percebermos a presença maciça do esporte, e não é que isso seja negativo, mas sua metodologia tem sido questionada. “Por isso, o esporte deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte da escola e não como o esporte “na” escola” (Castellani Filho et al., 2014, pg 48).

É necessário estar incluída na pauta docente a educação para o esporte. Levar a compreensão de que o esporte não está restrito ao universo das competições e da vitória ou fracasso. Que há um lugar no esporte em que os participantes apenas se divertem e aprendem para se divertirem ainda mais. E que vale muito mais ensinar para brincar junto do que excluir para se sentir mais habilidoso.

Tubino (1999) classifica o esporte pela abrangência das suas três manifestações, isto é, pelas suas dimensões sociais: o esporte educação, o esporte participação e o esporte performance. Assim o esporte educação, ou educacional, não é uma versão do esporte performance para a escola. Ao contrário, em vez de reproduzir o esporte de rendimento, o esporte educacional deve se basear na formação dos jovens, uma preparação para o exercício da cidadania. Tem um caráter formativo, por isso, deve ser desenvolvido em todas as etapas da educação básica, na escola e fora dela, com a participação de todos, evitando a seletividade e a competição acirrada.

Contudo, Darido (2012) apud González et al (2014) mencionam que

O esporte em si, o esporte nele mesmo, não é necessariamente educativo. É preciso uma intervenção pedagógica para transformá-lo em educativo, o máximo que se pode dizer é que o esporte tem um enorme potencial para ser utilizado de forma educativa, dependendo das formas de intervenção dos profissionais que ensinam esporte. Ou seja, estar inserido em programa de esportes, praticando esportes, não quer dizer que você está aprendendo esporte educacional.

Sobre o entendimento do esporte educacional Rufino et al. (2016) ponderam a existência de duas concepções tradicionais que muitas vezes se fazem presentes e determinantes: por um lado, a que conclama as competições como sendo a perspectiva mais importante do ensino do esporte e, do outro lado, aquela que a nega, como sendo a causadora de todos os males provocados pelo esporte. O desafio do professor de EF é buscar um ponto de equilíbrio entre esses dois extremos.

O tema Esporte segue sendo supervalorizado na Educação Física Escolar, justamente porque o esporte é o maior fenômeno sociocultural da humanidade, com características dinâmicas que acompanham a evolução da sociedade (Galatti, 2018).

A forte vinculação dos esportes com a necessidade de se atingir a eficácia e os altos rendimentos esportivos no ambiente escolar fez com que se focalizassem constantemente os processos de treinamento e planejamento ligados às competições,

o que muitas vezes colaborou para que fossem deixadas em um segundo plano as questões de ordem pedagógica e educacional, afirma Bento (2006).

3.2 Do Esporte Moderno ao Contemporâneo

3.2.1 O Esporte Moderno

O termo “Esporte” se origina no século XIV quando os marinheiros usavam as expressões “fazer esporte”, “desportar-se” ou “sair do porto” para explicar seus entretenimentos que envolviam suas habilidades físicas (Tubino, 1999, p.8). Daí o termo desporto e posteriormente esporte, como conhecemos hoje.

O esporte chinês é o mais antigo registro que se tem, datado do século III a. C.. Contudo a Grécia marca a história dos esportes pelos primeiros Jogos Olímpicos (776 a. C.). Naquela ocasião as competições tinham como objetivo a preparação dos homens para o combate, mas também compunham as cerimônias fúnebres e homenageavam os deuses gregos. Os vencedores recebiam coroas feitas de ramos de palmeiras e a eles eram dadas todas as honrarias (Bracht, 2005).

Ainda de acordo com Bracht (2005), a conquista da Grécia pelo império Romano no séc. II, e a conseqüente implantação da sua cultura naquele local, colabora com a decadência do movimento esportivo. As atividades desenvolvidas foram aos poucos sendo substituídas pelos cruéis espetáculos de circo com lutas sangrentas. A violência presente nestas competições modificou completamente o sentido do esporte atribuído pelos gregos.

O autor acrescenta que a concepção religiosa que perdurou na Idade Média (476 a 1450) também se configura um fator de influência para o declínio do esporte. Com o entendimento de que corpo e espírito são independentes e separados, a igreja considerava que o corpo com suas “fraquezas” impedia a purificação da alma e a conquista do céu. Por isso, o que está ligado ao corpo no sentido de causar prazer - como a dança, a farta alimentação, a prática sexual e as competições esportivas - foi considerado pecado. A influência da igreja na vida das pessoas colaborou para a decadência das práticas esportivas.

Interessante ressaltar que, contraditoriamente, a Associação Cristã de Moços vai ter um papel fundamental na reestruturação da prática esportiva, primeiro na Inglaterra em 1844, com o clérigo George Willians, e posteriormente ganhando espaço mundo a fora.

O esporte moderno refere-se a uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo codificada por volta do século XVIII na cultura europeia,

expandindo-se para o resto do mundo. Reunindo elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como jogos populares com ênfase dos jogos com bola, e da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Esse processo se intensifica no final do século XIX e início do XX (Bracht, 2005).

O autor ressalta que esse processo acontece paralelamente ao processo de industrialização e urbanização da Inglaterra, quando os jogos populares são substituídos pela prática esportiva competitiva influenciados pelos novos padrões e condições de vida. Todavia os jogos populares permanecem vivos nas práticas das escolas públicas (Public Schools) e é lá que eles vão ser regulamentados e aos poucos assumir as características do esporte moderno, como é o caso do Futebol. Tais características podem ser sumariamente resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, recorde, racionalização e cientificização do treinamento.

As Publics School eram centros educativos seletos, frequentados pelos filhos homens da aristocracia e da alta burguesia. Essas escolas caracterizavam-se pela autonomia dos alunos em determinar a utilização de seu tempo livre, por uma grande disciplina interna e tirania dos alunos maiores e mais velhos sobrepujando os mais novos (Rubio, 2007). A necessidade da regulamentação das atividades de ócio levou a uma reformulação das instituições educacionais ao longo do século XIX. Nesse momento o esporte entra como estratégia de controle das atividades dos adolescentes e salta para uma das atividades curriculares de maior importância no âmbito educativo (González, 1993; apud Rubio, 2007).

O processo de regulamentação das regras dos esportes foi uma construção que envolveu não somente os estudantes, mas diretores e professores cuja formação era basicamente clerical, e precisavam ser convencidos e conquistados para essa causa (Mangan, 1986; apud Rubio 2007). Com o aumento de espaços destinados à prática esportiva e cada vez mais adeptos, os jovens religiosos perceberam que era o momento oportuno para difundir a religião cristã. Assim, o processo de difusão do esporte contou com o apoio da igreja, processo inverso ao ocorrido na Idade Média.

Rubio (2007) ressalta que não foram apenas as igrejas que descobriram o poder da atividade esportiva, mas as fábricas também fomentaram a criação de clubes esportivos onde seus trabalhadores poderiam se divertir, se exercitar e ainda aprender sobre espírito de equipe e liderança.

É nesse contexto que entra em cena Pierre de Freddy, ou Barão de Coubertin. Educador, pensador e historiador que se empenhou na reorganização dos Jogos Olímpicos motivado pela valorização da competição leal e sadia, culto ao corpo e à atividade física. Coubertin começou a desenvolver um modelo de reforma social por meio da educação e do esporte, tomou para si a tarefa de organizar uma instituição de caráter internacional com a finalidade de cuidar daquilo que seria uma atividade capaz de transformar a sociedade daquele momento: o esporte (Rubio, 2007).

Duas premissas fundantes do olimpismo marcaram esse momento: o *fair play* e o amadorismo. A gênese do *fair play* está fincada no cavalheirismo, espécie de comportamento social que contemplava a nobreza de caráter, os valores cristãos e humanistas relacionados ao Renascimento. Enquanto o amadorismo pode ser definido pela prática esportiva apenas por prazer e para usufruto dos benefícios físicos, mentais e sociais que dele advém. Não admitindo ganho de nenhuma natureza, direta ou indiretamente (Bastos, 1987; apud Rubio, 2007).

Com o passar das edições dos Jogos Olímpicos e a cada vez mais acentuada profissionalização dos atletas, o esporte converteu-se em um meio de vida. Os grandes lucros gerados e as possíveis projeções de atletas e preparadores físicos, converteu o chamado olimpismo em um mercado esportivo, onde os atletas são máquinas com objetivo de gerar lucro. A criação de uma nova ordem olímpica indicava que o mundo do século XX havia passado por grandes e profundas mudanças de ordem prática e moral (Rubio, 2007).

As transformações a que o esporte foi sujeitado refletem as exigências de um mercado consumidor ávido por movimento e alimentado pelos veículos de informação. Tudo foi alterado com a entrada da televisão no mundo olímpico. A visibilidade que os atletas ganharam estimulou empresas comerciais a terem suas marcas associadas àqueles seres sobre-humanos capazes de realizações incomuns (Rubio, 2007). Aos poucos a televisão amoldou as preferências do público de acordo com o que geraria mais lucro.

Rubio (2007, p. 165) conclui que:

“É a partir desse momento que os dois elementos fundantes do esporte moderno, o amadorismo e o *fair play* passaram a sofrer seu grande revés. Considerados a base do Olimpismo, esses conceitos foram norteadores do esporte ao longo do século XX, até aproximadamente os anos 70, quando a relação causal dinheiro e desempenho esportivo passaram a compor uma

dupla inseparável, levando o esporte a se tornar uma carreira profissional e uma opção de vida.”

Estudos apontam sete categorias de conformação do Esporte Moderno, à saber: Secularidade; Igualdade de chances; Especialização; Racionalização; Burocracia; Quantificação e Recordes (Guttman, 1978; apud Marques, Gutierrez e Almeida, 2008).

O esporte é hoje uma combinação de negócio, entretenimento, treinamento moral, educação, rituais, espaço para desenvolvimento de tecnologias e declaração de identidade (Coakley, 1998; apud Galatti, 2018).

A transição entre o período do esporte moderno e o contemporâneo é marcada pela necessidade da preservação dos valores humanos com os quais as pessoas se identificam e admiram, a fim de manter uma das características mais marcantes do esporte em nossos tempos: o fascínio que exerce sobre os espectadores e praticantes (Galatti, 2018).

3.2.2 O Contemporâneo

Até os anos 1980, a estrutura esportiva tinha como foco a formação de atletas de alto nível, utilizando a tradicional estrutura piramidal, com uma ampla base de praticantes de diversas modalidades esportivas para selecionar os melhores jogadores ao longo dos anos. Aqueles que não alcançassem o nível de elite, deixavam de fazer parte do quadro de esportistas ou praticantes das modalidades. Hoje o esporte busca transcender a versão moderna, que tornou clássica a ideia de esporte como algo restrito às burocracias federativas (Galatti, 2018).

Na atualidade, desde os Jogos Olímpicos, o esporte registra paradoxos que convivem e por vezes interagem: de um lado o nacionalismo exacerbado, a exploração comercial e econômica, a corrupção, a especialização precoce, o *doping*, a violência e discriminação sexual; por outro lado a solidariedade, a consagração, a celebração, a convivência, a fraternidade e a inclusão (Goellner, 2005; apud Galatti, 2018).

Assim, o esporte possui uma dimensão ampla e multifacetada, que não pode ser resumida somente a uma abordagem de esporte de rendimento. É necessário observar o esporte a partir de suas diferentes ramificações na sociedade. Portanto, compreende-se que o esporte é um fenômeno heterogêneo e em constante

transformação e, como tal, indica a necessidade de adequação do seu sentido no ambiente em que se insere (Galatti, 2018).

A autora acrescenta que para compreender as múltiplas manifestações que caracterizam o fenômeno esportivo no cenário contemporâneo, é preciso discorrer acerca dos aspectos relacionados à ampliação do fenômeno esportivo, diversidade de cenários, práticas e personagens, bem como os significados e a pluralidade do esporte contemporâneo.

Acerca da ampliação do fenômeno esportivo, Puig e Heinemann (1991) e Galatti (2018) concordam que o esporte na contemporaneidade vive um momento de valorização, manifestando-se em diversos cenários, envolvendo diferentes personagens, que lhe designam variados significados, e que por isso deve ser visto de forma plural, tendo a diversificação como a tendência mais relevante do sistema esportivo contemporâneo, uma ferramenta de autorrealização. Percebe-se adultos e idosos buscando pela iniciação esportiva (Reverdito; Collet e Machado, 2022).

A necessidade de diversificação e de integrar-se às novas exigências do público praticante e consumidor do esporte, é evidente até mesmo nas modalidades mais tradicionais. Se no esporte moderno observamos a universalização das regras, no contemporâneo as necessidades de atender a um público cada vez maior e mais exigente, assim como atender às demandas dos meios de comunicação que divulgam o esporte, resultam em constantes alterações das regras (Scaglia, 2005; apud Galatti, 2018).

Em paralelo a processos de profissionalização da gestão das organizações promotoras do esporte, observa-se uma democratização na prática esportiva fomentada pelo aumento da divulgação do esporte nos meios de comunicação. Essa estratégia de aumento do número de praticantes atende aos interesses mercantis que envolvem o universo esportivo (Galatti, 2018). Se no esporte moderno era interessante manter um grande número de praticantes para fazer emergir novos talentos, hoje a base de praticantes é impulsionada a crescer para fazer aumentar os lucros com marketing e venda de produtos esportivos.

Ainda que o aumento do número de praticantes seja motivado pelo esporte profissional ou mesmo pela indústria esportiva, o fato é que o esporte passa a agregar novos praticantes e espectadores, e esses atores constroem novos significados e

ambientes, pluralizando ainda mais esse fenômeno. Gera-se lucros e dividendos, mas também traz consigo uma possibilidade de lazer e tem seu significado educacional cada vez mais reconhecido, não apenas para uma elite socioeconômica, mas para toda pessoa que pratique ou assista ao esporte (Galatti, 2010).

Nota-se então uma evidência da complexidade do esporte: um mesmo fenômeno capaz de gerar lucros no pesado mercado internacional é capaz também de congrega seres humanos em cada região em que é praticado. Esse é o esporte contemporâneo, um fenômeno plural, de grandeza mundial e particularidades regionais, espaço em que as pessoas de todo o mundo oscilam entre o econômico e racional e as relações humanas mais profundas e sensíveis (Galatti, 2018, p. 118).

Para falar sobre os cenários de oferta esportiva na contemporaneidade, Galatti (2018) dialoga com Heinemann (1999) considerando as diferentes formas de expressão, os variados significados relacionados com o esporte e os diferentes ambientes de prática, apresentando cinco conjuntos de organizações promotoras do esporte. O primeiro seria o esporte “não organizado”, aquele que se refere à prática informal de pessoas que se auto-organizam para a prática em espaços públicos, parques e complexos esportivos privados, com a ausência de direção no ato esportivo. O segundo conjunto seria o das organizações esportivas públicas, com a função de garantir o acesso da população ao esporte, ou ainda pelo estabelecimento de “patronato”, uma parceria do poder público com o privado ou associações civis.

O terceiro grupo mencionado pelos autores é o das organizações secundárias, com objetivos diversificados que incluem o esporte entre as atividades propostas. O quarto conjunto de organizações seria a prática esportiva comercial que está vinculada à flexibilização e maior autonomia do praticante em optar pela prática em diferentes significados, sem o comprometimento com federações e competições sistematizadas, como academias, estúdios, escolas de danças, de lutas ou esportes. A quinta organização destacada pelos autores são os clubes esportivos.

Galatti (2018) acrescenta que o esporte escolar, enquanto prática intencional realizada no contraturno escolar, corresponde a outra oportunidade de prática sistematizada, visando o aperfeiçoamento esportivo e a participação em jogos escolares, por vezes inclusive se distanciando dos objetivos previstos para este cenário.

Ainda discorrendo sobre as manifestações que caracterizam o esporte contemporâneo, destaca-se a diversidade de práticas e personagens como algo marcante nessa fase histórica do esporte. É possível observar ao mesmo tempo duas situações contraditórias: o surgimento constante de novas modalidades e o fortalecimento de modalidades tradicionais (Galatti, 2018).

A autora diz que o surgimento de novas modalidades é fruto das inovações que os próprios esportistas geraram ao adaptar modalidades tradicionais aos objetivos da prática informal. Ao passo que o fortalecimento das modalidades tradicionais pode ser exemplificado pelo Atletismo através das corridas de rua. De fácil acesso por não exigir nenhum tipo de implemento, nem instalações específicas para a prática, a procura pela atividade vem crescendo.

De acordo com Paes (2022) no esporte contemporâneo o aumento de modalidades, basicamente ocorre por cinco movimentos: 1) junção de modalidades (ex: futevôlei, pickleball, teqball); 2) transição de jogos e brincadeiras para o esporte (double dutch ou corda dupla, 3x3 basquetebol, tchoukball); 3) “esportivização” de práticas de lazer (skate, surf, vôlei de praia); 4) variações e adaptações de práticas (beach tênis, futebol de 7); e 5) exploração da natureza (escalada esportiva, trekking de regularidade).

O praticante do esporte contemporâneo entrega-se voluntariamente a uma atividade que “paradoxalmente, é absolutamente séria, ao mesmo tempo incerta, que exprime uma experiência singular e sentido às situações desafiadoras, imprevisíveis, aleatórias, cujo resultado é desconhecido e os limites impostos à condição humana podem ser explorados” (Reverdito; Galatti e Scaglia, 2022).

Dois eixos paradoxais sustentam a base do esporte contemporâneo: um baseado em poder e performance e outro em prazer e participação. O primeiro envolve o uso das capacidades físicas para dominar adversários na busca de vitória em competições, busca de superação, recordes, hierarquia entre os participantes, entre outros. O segundo também pode estar relacionado a competições, mas enfatiza a conexão entre as pessoas e a expressão pessoal daqueles que participam, pois busca diversão, inclusão, experiências, relações interpessoais, entre outras (Coakley, 1998; apud Galatti, 2018).

3.2.3 E na Escola?

A prática esportiva com fins profissionais já não é o que sustenta os praticantes dessa geração. Abriu-se espaço para uma prática esportiva com outros objetivos como entretenimento e socialização. Isso repercute no chão da escola. Hoje os estudantes não se prendem apenas ao esporte pela conquista de medalhas, mas pela diversão que determinadas práticas proporcionam. Dessa forma, está cada vez mais comum a solicitação deles por esportes não tradicionais. Beach Tênis, Futevôlei, Futmesa passaram a fazer parte da gama de possibilidades.

Nota-se que a paixão pelas conquistas através do esporte tradicional não morreu. As ênfases tanto da tradição quanto do espetáculo colocam em ação diferentes paixões, sentimentos, atitudes, desejos e vontades (Lovisol, 2004). Isso ainda desperta grande interesse nos estudantes. E é necessário que esta vertente esteja contemplada no currículo das aulas de EF, pois é pauta rica para diversas reflexões. Esse estudo não intenta anular todo esse histórico e as vivências proporcionadas, mas mostrar outras possibilidades de se trabalhar esportes na escola.

É necessário que haja diferenciação entre o esporte da escola e o esporte das escolinhas de esporte. Na educação formal, o professor de Educação Física deverá dar ao esporte um tratamento pedagógico, desenvolvendo-o de uma forma abrangente e diversificada, proporcionando ao aluno a oportunidade de conhecer, tomar gosto, aprender e manter o interesse pelo esporte (Paes, 1996; apud Leonardi et al., 2014).

Côté et al. (2017) mencionam estudos de natureza qualitativa que demonstram a infinidade de variáveis que o esporte contempla desde o nível pessoal (o indivíduo que pratica), passando pelo relacional (as conexões com os treinadores e professores, os colegas) até o contextual (como o espaço físico, a data de nascimento e naturalidade). Ainda que o cenário em questão seja apenas o escolar, este ainda é significativamente amplo.

Isso significa que cada estudante é individualmente complexo e traz consigo inúmeras experiências. Ele aprende, joga e interage de forma única e particular, de acordo com as vivências passadas. O professor não deve se preocupar apenas em ensinar o esporte. Muitas vezes os alunos não precisam de nós para jogar. Também

é corriqueiro que um aluno(a) seja muito melhor jogador em determinado esporte que o professor, ou mesmo seja um atleta. As preocupações que permeiam a práxis do professor devem estar muito além de ensinar um esporte. Afinal, ensinar esportes à João é diferente de ensinar esportes à Joaquim ou a Maria. Que é diferente de ensinar esportes à João, Joaquim e Maria juntos num espaço tempo – escola – específicos.

Para visualizar os elementos atrelados ao contexto da prática esportiva e as experiências proporcionadas aos praticantes de acordo com as combinações propostas, Côté et al. (2017) extraem o Quadro de Valores Pessoais no Esporte de Côté; Turnnidge e Vierimaa (2016) e Côté; Turnnidge e Evans (2014). O quadro evidencia que as interações dinâmicas através do esporte entre a criança, seus pares e o ambiente, devem ser projetadas para fomentar o desenvolvimento de valores pessoais em detrimento da busca de resultados.

Segundo González et al. (2014), o “Esporte Escolar, mesmo sendo uma prática social desenvolvida na escola, na maioria dos casos, não é regida pela lógica desta instituição, e sim pelos princípios do esporte de rendimento, particularmente no que se refere à detecção e à preparação de “talentos” esportivos.”

Tão importante quanto ter uma intencionalidade educativa específica, para converter o processo de ensino-aprendizagem de uma modalidade em uma experiência de esporte educacional, é mediar o processo de forma que isso efetivamente aconteça. Nessa seara, há uma compreensão de que as formas tradicionais de ensino não apenas dificultam a aprendizagem de conhecimentos fundamentais para os alunos *se virarem* nas diferentes modalidades esportivas, mas também de que os colocam num papel de reprodutores passivos, em que a criatividade e a tomada de decisão não têm espaço. (González et al. 2014, p 41)

Dessa forma, Scaglia et al. (2014, p. 45) ressaltam que formar é muito mais que capacitar um aluno com o discurso esportivo dominante, tornando-lhe submisso e enfeitado. Isso apenas reproduz um sistema esportivo acrítico e antidemocrático, sem transformá-lo, sem permitir que novos esportistas venham reconfigurá-lo no futuro, principalmente por meio da democratização do acesso ao esporte. Esse processo se inicia na escola, passando pelos projetos sócio-esportivos-educativos e chegando ao treinamento esportivo mais justo e humano. Portanto, a escola precisa gerir os ambientes de ensino e aprendizagem também do esporte, para que a práxis desta área não seja alheia aos demais conteúdos inerentes ao ato de ensinar. É preciso elucidar a relação entre a pedagogia e a pedagogia do esporte.

O ato de pedagogizar o esporte deve ser entendido como uma intervenção desenvolvida dentro de um processo de ensino e aprendizagem que leve em

conta o sujeito aluno, criando possibilidades para a construção desse conhecimento, inserindo-o e fazendo-o interagir com o que o aluno já sabe, ampliando-se assim, sua bagagem cultural e, por conseguinte, sua inteligência de corpo inteiro, mediada, intencionalmente, por um pedagogo do esporte (Scaglia et al., 2014, p. 52)

Aula de esporte precisa ter duas qualidades essenciais e afins: precisa ser bonita e limpa. Precisa ser atraente, o aluno tem que gostar dela. O bom professor de esportes precisa ser capaz de ensinar a todos, sem deixar ninguém de fora. E ensinar bem, para que aprendam com precisão os gestos esportivos. Não é somente um direito humano aprender esportes, mas aprender bem o esporte para praticá-lo com qualidade (Freire apud Galatti, 2017, p.14).

Os Jogos Esportivos Coletivos (JECs) estão presentes nos currículos da Educação Física escolar e da educação não formal. E seu ensino ganha diferentes enfoques e desdobramentos de acordo com os diversos ambientes no qual se institui. A organização do ensino deve estar atrelado ao contexto em que está inserido, preconizando aspectos sociais e culturais. A forma de abordagem dos conteúdos deve estabelecer estreita relação com a realidade encontrada, respeitando os limites e visando suprir as necessidades dos sujeitos que vivenciam o ambiente de ensino (Galatti et al., 2017).

Na sociedade atual, o esporte se constitui um espaço social que mobiliza pessoas de diferentes etnias, gêneros, idades, classes sociais, credos religiosos, sejam como participantes/praticantes ou como espectadores. E provoca inúmeras emoções e sentimentos como numa importante competição: o frenesi, o congoçamento, a rivalidade, o êxtase, a violência, a frustração, a explosão em aplausos e lágrimas de sentimentos que fazem vibrar a alma dos sujeitos (Goellner, 2005). É importante que haja essas vivências no chão da escola, pois é objeto de estudo rico e abrangente.

O esporte como conhecemos hoje, se consolidou no fim do século XIX e início do XX e se traduz como signo de uma sociedade que enaltece os desafios, as conquistas, as vitórias, o esforço individual (Goellner, 2005). A sociedade utiliza dessas características bem peculiares do esporte para despertar tais adjetivos nas pessoas. Contudo, a escola ao reproduzir os padrões da sociedade, também reproduziu e enalteceu a característica mais marcante do esporte, que é a competição. Durante muito tempo o esporte na escola priorizou a habilidade e a

competitividade em detrimento da cooperação, da diversão e da socialização, tornando o esporte da escola tão excludente quanto o esporte de rendimento.

A formação dos professores de Educação Física, até bem pouco tempo atrás, também não fazia grande distinção entre o ensino do esporte na escola e o ensino do esporte em escolinhas de esportes e clubes. Recordo-me que em minha graduação estudávamos os esportes com ênfase em treinamento esportivo, enquanto a disciplina de Educação Física Escolar se atinha aos Jogos e Brincadeiras. Tal metodologia de ensino, importada da cultura europeia e estadunidense, criou uma estrutura de ensino nas escolas do Brasil que não se adequa aos valores da escola contemporânea brasileira.

Enquanto as escolas dais quais importamos esse estilo de ensino, conhecido por nós como Tecnista ou Tradicional, se ocupam em descobrir talentos e aprimorá-los, e para isso investem em infraestrutura, equipamentos e profissionais, a educação brasileira mira em tornar os estudantes protagonistas de sua própria aprendizagem, sujeitos autônomos e aptos a solucionar problemas do cotidiano. Nesse sentido podemos observar a incompatibilidade entre a escola brasileira idealizada e a educação física que está inserida nessa escola.

A circunstância em que se encontram os professores de EF na escola brasileira impulsiona uma busca constante pela formação continuada para suprir as demandas não atendidas da formação inicial. E assim, o profissional investe em alternativas para atender as necessidades do estudante da escola brasileira do século XXI.

As escolas da rede estadual da Bahia no contexto atual, se dividem em ensino regular e ensino integral. Nas escolas de ensino regular, o componente de Educação Física conta apenas com 1 aula semanal, enquanto na escola de tempo integral existem outros componentes curriculares que permitem o ensino de Práticas Corporais e até mesmo o treinamento esportivo, chegando a somarem 5 horas/aulas semanais⁶.

Dentro dessa perspectiva, o professor de Educação Física do ensino integral conta com um tempo/espço muito maior para direcionar os alunos visando suas preferências, dificuldades ou habilidades motoras. Em muitas dessas escolas há equipes de variadas modalidades esportivas a nível de competição nacional, uma vez

⁶ DCRB – Documento Curricular Referencial da Bahia, 2019.

que elas têm a ocasião ideal para se trabalhar isso. Tais contextos divergentes ilustram o paradoxo que há entre a escola de ensino regular e a escola de ensino integral no que se refere à Educação Física focada em Jogos Escolares, como é o caso das escolas da Bahia. Contudo, a prática pedagógica deverá ser direcionada pelos objetivos da escola de Educação Básica (Reverdito, Galatti e Scaglia, 2022).

Faz-se necessário melhor organizar o processo de ensino e aprendizagem dos Esportes Coletivos, buscando dar a estes um tratamento pedagógico coerente com o ensino formal, assim como sequenciar didaticamente os seus conhecimentos, ampliando sua presença na escola para além das questões técnicas-táticas de modalidades isoladas, ou preparação para Jogos Escolares (Galatti et al., 2010).

O modelo de ensino tradicional está de tal forma impregnado na aprendizagem dos alunos que eles não validam outro tipo de abordagem. Primeiramente há que se desconstruir o método implantado para se abrir espaço para outras abordagens. Bayer (1994) afirma que o método tradicional privilegia um jogador em detrimento do coletivo, uma vez que é necessário adquirir uma bagagem mínima de habilidades para a prática do jogo, que vem posteriormente em forma de recompensa. Tal metodologia se constitui um entrave para o desenvolvimento motor amplo e variado.

Muitos estudos vêm sendo realizados na área da Pedagogia do Esporte, ciência que surgiu a partir do crescente interesse da sociedade pelas práticas esportivas corporais e que busca estudar tais práticas, seus métodos de ensino, sua origem e transformações ao longo do tempo (Oliveira; Batista e Dos Santos, 2023).

Quanto ao ensino de Esportes Coletivos especificamente, a produção de conhecimento da Pedagogia do Esporte faz parte da crítica à abordagem tradicional, que, segundo Daólio (2002), sempre enfatizou a técnica como o centro das atenções de todo o processo de ensino. Nessa concepção tradicional, praticar uma modalidade esportiva com qualidade implicava possuir pleno domínio do gesto técnico.

Galatti et al. (2017) clarifica que a iniciação esportiva, principalmente com crianças e jovens, deve preocupar-se primordialmente com a qualidade das atividades ofertadas, tanto em termos tático-técnicos como nos aspectos psicossociais que transitam entre as práticas e os relacionamentos sociais estabelecidos. Destarte, as interações dinâmicas que ocorrem no esporte – entre a criança, outros envolvidos e o ambiente – devem priorizar o desenvolvimento de valores pessoais em detrimento da busca de resultados.

Os esportes coletivos ainda seguem uma tradição de ensino que reproduz o esporte de rendimento, gerando problemas na compreensão do jogo por parte dos estudantes, além da exclusão causada pelas práticas repetitivas (Ginciene e Impolcetto, 2019; apud Magalhães e Oliveira, 2022).

Daólio (2002) acrescenta que há muitas vantagens na proposta da Pedagogia do Esporte, dentre elas a formação de alunos inteligentes, cooperativos, com autonomia para escolher uma prática esportiva para os momentos de lazer e participar de várias práticas esportivas pois conhecerão os princípios operacionais do Esporte Coletivo.

É possível apontar uma lógica de ação comum aos tipos de jogos. Os princípios operacionais: ataque e conservação da posse de bola, progressão à quadra adversária, finalização à meta e defesa na recuperação da posse de bola, proteção da quadra contra o avanço adversário, e defesa do alvo se assemelham. Além disso os esportes de invasão apresentam referências estruturais também conhecidos como constantes/invariantes: alvos, bola (ou implemento), terreno de jogo, companheiros e adversários. Os princípios operacionais, associados às constantes/invariantes e as regras de ação são as referências norteadoras das ações táticas no jogo, que permitem a interação do conhecimento e aprendizagem entre diferentes tipos de jogos (Bayer, 1994; apud Oliveira, Batista e Dos Santos, 2023).

A Pedagogia do Esporte sustenta-se sobre a diversidade e os princípios pedagógicos do ensinar esportes a todos, ensinar esporte bem a todos, ensinar mais que esportes e ensinar a gostar de esportes (Reverdito et al., 2009).

3.3A Proposta

3.3.1 A base da Proposta

Jean Le Boulch abre caminho para uma abordagem dos esportes coletivos muito rica sobre o plano educativo a partir do final do século passado com o lançamento de seu livro “O corpo na escola do século XXI”. O livro é resultado de 40 anos de pesquisa, e a versão publicada no Brasil em 2008 é tradução do original publicado na França em 1998 (Camargo, 2010). A ideia é deixar de focar no desempenho motor isolado do jogador para dar atenção as soluções mentais que esse jogador cria para as situações de jogo, que se expressam como resposta motora, bem como o respeito, o envolvimento e a integração com a equipe e reações com o adversário.

A EF brasileira desenvolveu ao longo dos anos, variadas metodologias para se ensinar esportes, e diante dessas inúmeras possibilidades, o professor de EF se vê, segundo Bayer (1994) num dilema delicado: “que opções tomar?” Levando em consideração a complexidade das realidades práticas, há que se fugir da armadilha da “educação física em migalhas” ou seja, o parcelamento ou fragmentação do ensino do esporte. O foco nas competições esportivas parece dividir a escola ao meio, fazendo com que Esporte e Escola, raras vezes “joguem no mesmo time” (Sadi e Colpas, 2010).

Reverdito e Scaglia (2007) dizem que há uma distância exorbitante entre o que os professores de esportes acreditam estar ensinando e como realmente estão ensinando. Isso torna evidente a distância entre a teoria e a prática, geralmente prevalecendo a última, muitas vezes baseada apenas na história de vida como ex-jogador (atleta) deste profissional, de forma empírica. E complementa citando Matos (2006) quando diz que “teoria sem práxis é vazia e práxis sem teoria é cega”.

A pedagogia do esporte é o campo do conhecimento que investiga a prática educativa e cujo “objetivo é a reflexão, a sistematização, a avaliação, a organização e a crítica do processo educativo, por meio do esporte”. Ela defende que é possível transcender a prática pedagógica da iniciação, contemplando o ensino de conteúdos técnicos e táticos da modalidade ao passo que se contribui para a formação e educação do indivíduo (Paes, Montagner e Ferreira, 2009; apud Leonardi et al., 2014).

Os Jogos Esportivos Coletivos (JECs) formam o conjunto de modalidades praticadas em um espaço determinado, por duas equipes que se utilizam da bola (ou outro implemento) a fim de defender seu alvo e conquistar o alvo adversário, dentro de regras específicas, em uma situação de rivalidade não hostil (Bayer, 1994; Teodorescu, 2003; apud Galatti et al., 2017), com ou sem compartilhamento do terreno de jogo (Galatti et al., 2014).

Os esportes coletivos podem ser reunidos em uma única categoria visto que todos eles possuem seis invariantes: uma bola (ou implemento similar), um espaço de jogo, parceiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar (e, de forma complementar, um alvo a defender) e regras específicas. São essas invariantes que geram a categoria Esporte Coletivo, ou Jogo Esportivo Coletivo, e que configuram uma mesma estrutura de jogo. Possuindo estrutura comum, é possível considerar as modalidades esportivas dentro de uma mesma lógica, o que favorecem um mesmo tratamento pedagógico para seu ensino (Bayer, 1994).

O autor afirma ainda que existe nos esportes coletivos uma lógica funcional comum, que se baseia na articulação de 6 princípios operacionais, sendo 3 de ataque e 3 de defesa, tendo como ponto inicial de análise, a posse de bola. Dessa forma, verifica-se que toda e qualquer manifestação dos esportes coletivos possui uma mesma lógica interna – quando ataca, a equipe busca conservar a posse de bola, progredir no sentido da meta contrária e por fim, tenta marcar um ponto; quando defende, busca proteger seu alvo, impedir a progressão adversária e recuperar a posse da bola (Leonardo, Scaglia e Reverdito, 2009).

As abordagens propostas pelos autores da Pedagogia do Esporte apontam, segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 606), para as reflexões comprometidas com a transformação e a problematização buscando:

Por meio da pedagogia, transcender a simples repetição de movimentos, orientada para a formação de sujeitos conscientes, críticos e reflexivos. Compromisso com o ensinar, com a transformação e autonomia do sujeito, fundamentada sobre princípios e procedimentos pedagógicos, nos quais o processo é estabelecido em função do sujeito que joga, valorizando sua cultura corporal e social, sobre os pilares da diversidade e orientada para todos, independente de pré-requisitos. Contextualizar a ação e a valorização de um ambiente formativo, mediado e facilitado pela ação do educador. Entender o jogo em sua essencialidade complexa, em que o ensino e aprendizagem se dão através do jogo jogado e jogante em sua plenitude, orientado para a compreensão de seus princípios operacionais, integrado as

especificidades técnicas, por meio de formas jogadas, funcionais, condicionadas e situacionais.

O cerne dessa abordagem é direcionada para a pedagogia das intenções, que revaloriza o aluno, portanto a pedagogia, colocando-o no centro das preocupações, enquanto ser atuante possuindo a sua autenticidade e responsável pelo seu futuro e do seu progresso como jogador; utilizando o método estrutural, a partir das invariantes da atividade, facilitando a construção do quadro estrutural no qual o jogador vai evoluir, e a construção da lógica interna dos esportes coletivos, a partir da qual serão determinados os princípios operacionais e a didática (Bayer, 1994).

Buscaremos no Jogo os elementos necessários para a assimilação dessa metodologia baseado em Reverdito e Scaglia (2007) que reafirmam as similaridades entre o jogo e o esporte, uma vez que chegam a ser confundidos por possuírem a mesma natureza. “A natureza dos jogos esportivos coletivos é essencialmente complexa, coabitando em seu ambiente a imprevisibilidade e aleatoriedade, equilíbrio e desequilíbrio, ordem e desordem, organização e interação”, pontuam os autores.

Os jogos criam um ambiente de cooperação, desenvolvem habilidades abertas e alta capacidade de adaptação às novas situações, por meio de ações intencionais, de envolvimento e constantes tomadas de decisão (Scaglia, 2017).

O autor lembra que o jogo é um sistema caótico que exige constantes organizações, buscando estabelecer ordem ao sistema. Assim no jogo, por sua tendência ao caos, sempre que se estabelece uma ordem, por exemplo, solucionando-se um problema, concomitantemente é desencadeado nova desordem. Assim, a organização gera ao mesmo tempo transformação e formação. O jogo proporciona desequilíbrios que levam os jogadores a novos patamares de conhecimento à medida que constroem, exploram e testam suas soluções (respostas).

Outra característica marcante do jogo é a ocupação voluntária. Isso significa que o jogador pode suspender o jogo a qualquer momento, ficando livre de imposições externas. Ele é livre para jogar por estímulos internos, logo, o jogo não comporta coação externa (Huizinga, 1999; apud Leonardo, Scaglia e Reverdito, 2009).

Scaglia (2003) conceitua “Família de Jogos” como a união ou agrupamento de jogos que se assemelham e diferenciam-se entre si. A gênese dessa abordagem é

para a “Família dos Jogos de bola com os pés”⁷. Conceito bem próximo ao proposto por Bayer (1994) quando da definição dos Jogos Esportivos Coletivos, em que há um agrupamento dos esportes coletivos a partir das características similares que estes possuem em sua lógica funcional.

Assim, Reverdito e Scaglia (2009, p. 241) transplamam o modelo de agrupamento por semelhanças e inauguram a “Família dos Jogos Esportivos Coletivos”:

A partir da ideia da família dos jogos, os esportes coletivos estarão contidos dentro de uma mesma família, não havendo, principalmente nas fases de iniciação esportiva, a evidência de uma modalidade sobre a outra, fazendo com que a aprendizagem obtida, por exemplo, no basquete traga grandes transferências para a compreensão da lógica do futebol, do handebol, pólo aquático, futebol americano e de tantos outros esportes coletivos.

Ao assumir a concepção de família, admite-se o fato de que ao se aprender um jogo qualquer, este colaborará de maneira efetiva e sistêmica para o aprendizado de todos os jogos pertencentes ao universo da família dos jogos esportivos coletivos (Scaglia, 2017).

Todavia, esse conceito não anula a relevância de outros jogos (não esportivos) nesse processo de ensino-aprendizagem. Assim, o bobinho, a rebatida e o gol caixote são jogos não esportivizados que trarão grandes benefícios para aprendizagem do futebol e respectivamente para outros esportes coletivos (Reverdito e Scaglia, 2007).

As habilidades, que são mais do que apenas motoras, referem-se ao saber fazer (Macedo, 2005; apud Scaglia et al., 2013). No jogo, o objetivo é saber fazer cada vez melhor o que se pode fazer no jogo, resumindo-se em posicionar-se no espaço coletivo, complementando ações individuais com as coletivas, configurando-se as circunstâncias contextuais do jogo; estas devem ser lidas pelos jogadores à medida que se ampliam suas respectivas habilidades de interpretação da lógica do jogo, aliada ao seu amadurecimento cognitivo e ampliação contextualizada de seus esquemas de ação, comunicando-se por meio de suas ações com os demais jogadores; além de, ao mesmo tempo, manter uma adequada e eficiente relação com a bola (ou implemento), de modo a conseguir executar as ações motrizes requeridas, sempre com o objetivo de ganhar o ponto.

⁷ Livro de Alcides José Scaglia, 2020. O tema emerge de sua tese de doutorado publicada em 2003.

3.3.2 A Aplicação da Proposta

“A brincadeira vira jogo, que se transforma em esporte, que pode vir a ser brincadeira novamente”, disse Knijnik e Knijnik (2004) citado por Reverdito e Scaglia (2007). Perceber o jogo enquanto jogo é pré-requisito fundamental para a sustentação e construção de metodologias inovadoras em pedagogia do esporte, pois elas se valem do jogo para a construção de processos coerentes de iniciação, especialização e aperfeiçoamento nos esportes coletivos (Scaglia et al., 2013).

O jogo se caracteriza pelo seu caráter livre, delimitado, regulamentado, incerto, improdutivo e fictício. É justamente a natureza do jogo como atividade, nesse caso os jogos esportivos coletivos, que irá garantir e sustentar o desejo do jogador de a ele se entregar, fato diferente do que ocorre nas formas tradicionais de ensino (Scaglia et al., 2013).

Assim, em uma metodologia que explore conteúdos por meio de uma situação de jogo na aula/treino, exigirá do professor/técnico o cuidado didático na garantia de um ambiente de jogo, em que os planos pedagógicos (planejamento, objetivos, conteúdos) sejam orientados pela natureza do jogo. Porém, isso não significa que é deixar jogar (jogo pelo jogo). Mas garantir um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam alcançados na medida em que o jogador mobiliza suas competências e habilidades (ato de jogar) a fim de elucidar a lógica do jogo (jogar melhor/obter êxito) (Scaglia et al., 2013, p 230).

Essa proposta intenta marcar seu delineamento a partir dos conceitos de possibilidades e potencialidades. Possibilidades diz respeito a todo o conteúdo evidente no jogo, evidenciando conteúdos passíveis de ensino. Já as potencialidades são os conteúdos latentes, ou seja, dependem do modo como as estruturas padrões básicas do jogo (regras, condições externas, jogadores, indissociáveis de seus esquemas motrizes) irão interagir umas com as outras, desencadeando o seu processo de organização. Nesse sentido, é possível afirmar que, dependendo dos jogadores, o mesmo jogo pode apresentar a emergência de diferentes potencialidades de aprendizagem. É essencial compreender estes conceitos (possibilidades e potencialidades) na perspectiva da complexidade, pois eles são tecidos juntos, logo são sempre interdependentes e complementares (Scaglia et al., 2021).

Na EF, o jogo deve transcender o simples ato de ensinar e aprender, ele deve fomentar a construção do conhecimento, onde o que importa é o descobrir, o inventar e o criar. O estudante deve compreender tanto "o que fazer" quanto o "como e porque fazer", não se limitando apenas à explicação do jogo. O ato de jogar deve estar

interiorizado, compreendido, com significados e sentidos pois só assim, o estudante desenvolverá suas capacidades durante o jogo (Oliveira, Batista e Dos Santos, 2023).

González (2020), mencionado por Oliveira, Lima e Simarelli (2023) afirmam que um dos principais exercícios relacionados ao ato de ensinar, é refletir sobre qual legado pretendemos deixar para os alunos. Aqui, cabe-nos refletir se nosso objetivo é forjar possíveis atletas profissionais, ou se é ensinar Práticas Corporais nas aulas de Educação Física e assim, inseri-los num universo que, fora a escola, poucas instituições públicas estão ocupadas em ofertar. Aquilo que o estudante vivenciar na escola – esportes, danças, ginásticas - muito provavelmente é o que ele vivenciará na vida social.

Os autores também citam o alerta deixado por Parlebas (1987) sobre o potencial educativo do esporte, que pode formar “patifes” ou cidadãos conscientes, a depender do tratamento pedagógico que é dado ao esporte. O resultado está diretamente relacionado às escolhas que o professor de EF faz, enquanto agente responsável por mediar esse processo.

É necessário que o professor considere algumas questões para alicerçar sua prática pedagógica: Qual modalidade ensinar? Quem são os atores envolvidos? Em que cenário eles se encontram? E quais os objetivos daquela prática? (Oliveira, 2002; apud Sobral, 2016). Dessa forma, os professores precisam se debruçar em desenvolver suas aulas de forma a motivar e despertar o interesse do aluno - personagem principal do processo - para a prática esportiva, respeitando sua história e características individuais (Mesquita e Graça, 2006; apud Sobral, 2016).

Como professora do ensino médio, incomodada com essa situação – não mais que os autores da Pedagogia do Esporte, citados ao longo desse texto – empenho minhas pesquisas e tentativas em trazer o estudante de volta ao cenário das aulas de EF, na expectativa de que todos possam aprender esporte, não com o foco na participação em Jogos Escolares, mas de ganharem autonomia para a prática em ambientes fora da escola, e por conseguinte, desenvolverem o prazer em praticá-los, ainda que não sejam considerados os melhores. Pensando assim, e ampliando essa visão para alcançar outras comunidades escolares, podemos vislumbrar uma realidade onde muito mais pessoas pratiquem esportes e se beneficiem deles, e os amantes do esporte não sejam meros torcedores.

O esporte moderno é marcado por características de competição e de espetáculo. O esporte contemporâneo emerge dessa realidade como subterfúgio aos praticantes não profissionais, que buscam alternativas para fruir o esporte de modo informal e divertido. É essa atmosfera que buscamos inserir nas aulas de EF.

Paes (2022) assegura que o esporte contemporâneo é dinâmico e seu caráter de mutação e busca pelo novo é permanente. E isso o torna cada vez mais fascinante por suas possibilidades de criação, adaptação e mudanças contínuas. Tais características são motivos de defesa do oferecimento do esporte na educação formal como porta de acesso para o novo.

O autor ainda acrescenta que o problema nunca residiu no esporte, mas na incompetência de lidar com esse fenômeno sociocultural, plural, fascinante e cada vez mais presente na vida das pessoas e de natureza educacional. E conclui dizendo que “o esporte só terá sentido se de fato contribuir para o processo educacional dos alunos. Torna-se absolutamente imperioso dar ao esporte, no cenário escolar, o tratamento pedagógico adequado aos objetivos, ambientes e personagens, visando organizar e sistematizar seu oferecimento, vinculado ao projeto pedagógico da escola.”

Para exemplificar o método de ensino tradicional dos esportes, Galatti et al. (2014) relembra o citado por Galatti (2006) trazendo para o universo da modalidade basquetebol. As etapas de ensino seriam organizadas hierarquicamente em: (1º) Aprender a correr corretamente – (2º) aprender a driblar – (3º) passar e receber (primeiro parado, depois em deslocamento) – (4º) arremessar/bandeja – (5º) jogar basquetebol. Nota-se uma relação de dependência entre as etapas, ou seja, “para que se possa jogar basquetebol, deve-se primeiramente saber arremessar a bola; antes de saber arremessar a bola, é preciso que o aluno saiba recebê-la e passá-la corretamente; antes, porém, ele deve aprender a driblar a bola, o que por sua vez só pode ser feito se o aluno tiver uma técnica mínima de corrida.”

A escola é o ambiente que objetiva ofertar aos estudantes conhecimentos e saberes historicamente construídos. É na escola que as pessoas têm a oportunidade de ter contato orientado com tais conhecimentos. O cenário escolar deve assegurar então o direito às oportunidades de socialização das construções e manifestações humanas, proporcionando experiências capazes de gerar aprendizagens e desenvolvimento (Oliveira, Lima e Simarelli, 2023). Logo, não seria necessário saber

executar com perfeição cada gesto de determinada modalidade para jogá-la, mas pode-se aprender a jogar, jogando. O problema está na preferência destes exercícios em detrimento de métodos de ensino que privilegiem a inteligência do jogador em relação ao jogo e ao sistema que o envolve, buscando por um padrão de movimento baseado na reprodução de modelos ideais, descaracterizando a humanização do gesto (Galatti et al., 2014).

Assim sendo, esta pesquisa tem o objetivo de ofertar esporte aos alunos do Ensino Médio do Colégio Profª Jane Assis Peixoto através de jogos pautados na Pedagogia do Esporte. De forma que todos os alunos(as) possam participar e tenham o interesse em fazê-lo, por se configurar uma metodologia que não impõe as habilidades motoras como pré-requisito para a prática, mas centraliza o conhecimento do esporte de forma integral como cerne da proposta.

Machado, Galatti e Paes (2014) e Galatti et al. (2017) discutem que ensinar esporte de forma integral, traz à pauta diversos aspectos dele muitas vezes esquecidos por nós professores. Se trata de ensinar sobre os referenciais técnico-tático, histórico-cultural e socioeducativo. A saber, o referencial técnico-tático diz respeito aos aspectos estratégicos, táticos, técnicos gerais e específicos das modalidades, bem como os aspectos físico-motores. O referencial histórico-cultural trata das regras, personalidades esportivas, evolução e contexto histórico e as manifestações relacionadas à cultura esportiva. O referencial socioeducativo aborda valores a partir da prática e contexto esportivo, estimulando comportamentos e condutas que possam desenvolver intencionalidades positivas.

Dessa forma o esporte, como conteúdo da Educação Física na escola, será oferecido de forma que o aluno possa compreendê-lo integralmente, conhecendo suas diferentes modalidades e contextos. Seu ensino deverá abranger conhecimentos teóricos e práticos, dando oportunidade ao aluno de aprender e vivenciar seus fundamentos, compreender suas regras, bem como conhecer sua história e evolução (Paes, 2001; apud Galatti, Paes e Darido, 2010).

É importante que esse processo de ensino e aprendizagem esteja no bojo de constantes análises pedagógicas para que o ambiente de jogo não seja um local de reproduções de práticas desprovidas de intencionalidade (Scaglia, 2021; apud Júnior, 2022).

Percebe-se que essa proposta almeja agregar muito mais conhecimentos acerca do esporte do que o ensino de habilidades motoras isoladas e descontextualizadas como chutar, arremessar ou fintar. Não que tais habilidades não sejam objeto de ensino do esporte na EF, contudo o estudante precisa se inteirar de todo o processo acerca de tais movimentos.

3.3.3 Resultados Esperados

Nesse momento talvez o leitor esteja se perguntando: “O que essa proposta visa desenvolver nos estudantes?”

Scaglia (1999) mencionado por Leonardi et al. (2014) destaca aspectos relevantes para o processo educacional pelo esporte, como o desenvolvimento de criticidade, autonomia, liberdade de expressão e capacidade de reflexão, contribuindo para a formação da cidadania do indivíduo. Por isso é fundamental que professor de EF contemple o aluno em três aspectos: enquanto praticante de uma modalidade esportiva; enquanto indivíduo merecedor de oportunidade para se desenvolver de maneira integral; e enquanto cidadão inserido na sociedade. O intuito dessa concepção é despertar no aluno o respeito às regras sociais e incentivá-lo, por meio de sua criticidade e autonomia, a modificar sua realidade e contribuir ativamente para a construção de uma sociedade melhor.

Segundo Leonardi et al. (2014), os estudos de Freire (2003) propõem: 1. Ensinar o esporte para todos, a fim de proporcionar a todas as pessoas uma prática esportiva; 2. Ensinar bem o esporte, para que os alunos possam ter acesso aos “melhores” métodos de ensino – o ensinar de maneira plural (Paes, Montagner e Ferreira, 2009); 3. Ensinar mais do que o próprio esporte – desenvolvimento integral do indivíduo; e 4. Ensinar nossos alunos a gostarem de esporte, a fim de que, sentindo-se motivados para a prática de determinada modalidade, possam fazer dela uma de suas opções de lazer e, assim, mesmo não trilhando o caminho do esporte profissional, sentir prazer em praticar esporte, contribuindo para um estilo de vida mais saudável.

E tratando-se da educação formal, o professor de Educação Física deverá dar ao esporte um tratamento pedagógico, ministrando-o de uma forma abrangente e diversificada, proporcionando ao aluno a oportunidade de conhecer, tomar gosto, aprender e manter o interesse pelo esporte (Paes, 1996; apud Leonardi et al., 2014).

Uma das principais habilidades que se busca desenvolver nos estudantes através dessa proposta é a capacidade de solucionar problemas, principalmente coletivos.

Scaglia (2003) afirma que quando se aplica modificações e variações aos elementos estruturais formais do jogo, por mais simples que possa parecer, irá alterar consideravelmente toda a organização da unidade complexa do jogo. No plano cognitivo sobre a conjuntura estratégica e tática, o aluno terá de buscar por uma série de elaborações capazes de vencer as adversidades e alcançar os objetivos do jogo, assim como, da mesma forma sobre o plano motor, na adaptação e execução das ações. Quanto mais estímulos os jogadores receberem, através da exposição e criação de respostas às situações-problema, maior será sua capacidade de tomar decisões adequadas no jogo (Menezes, 2011; apud Sobral, 2016).

Também é objetivo dessa proposta revolver a capacidade de imaginação e reflexão do agente pedagógico, pois frente às infinitas possibilidades de se ensinar esporte através de jogos, ele precisará desenvolver habilidades em gerir a desordem, em direção a uma nova ordem no ambiente do jogo. Portanto, uma condição única de especialista do jogo na caracterização de diferentes formas jogadas (Reverdito e Scaglia, 2007).

No entanto, a capacidade de lidar com a desordem é uma habilidade fundamental a ser desenvolvida pelos estudantes. Segundo Garganta e Gréhaigne (1999), citados por Reverdito e Scaglia (2007), o aspecto mais relevante no jogo é a habilidade do jogador em administrar a desordem inerente à prática esportiva — ou seja, gerenciar as situações emergenciais e os constrangimentos que surgem dos confrontos de objetivos durante o jogo.

Os autores (Reverdito e Scaglia, 2007) acrescentam ainda mais um benefício dessa proposta como sendo as consideráveis alterações sobre a percepção de espaço do jogo, dos companheiros e dos oponentes. Afinal, as adaptações na dimensão e na forma do espaço de jogo irão exigir dos jogadores diferentes ações tático-motoras para alcançarem os objetivos do jogo.

A apropriação emocional do esporte também se configura como objetivo da proposta, uma vez que ela exerce papel importante na continuidade do aluno como praticante da modalidade, mesmo que este não chegue ao alto nível. Ele se sentirá

apto a participar em espaços de lazer ou amadores, assim como consumidor, assistindo a jogos, acompanhando a mídia e investindo no esporte (Sobral, 2016).

Também é um resultado esperado que o aluno não somente aprenda a jogar, mas que jogue para aprender. Não basta aprender as habilidades motoras específicas da modalidade, é preciso aprender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como elemento que torna o jogo possível, aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não como um inimigo a ser aniquilado, pois sem ele simplesmente não há jogo. É preciso, enfim, que o aluno seja preparado para incorporar o esporte na sua vida, para dele tirar o melhor proveito possível (Betti, 1992; apud Galatti, Paes e Darido, 2010).

Ao longo da minha jornada escolar assisti à inúmeros alunos desistindo de jogar pela falta da habilidade de enxergar o adversário como companheiro de jogo. Os apontamentos de erros, a cobrança pela excelência no movimento e o foco nos resultados tornam o jogo cansativo e enfadonho até que alguém desiste e motiva outros a desistirem. E esse é apenas um dos aspectos do “jogar para aprender” propostos.

É esperado também o desenvolvimento da autonomia para construção do seu próprio conhecimento a partir de experiências vividas. O indivíduo aprende a chutar, chutando; aprende a correr, correndo; aprende a passar, arremessar, passando, arremessando; aprende a jogar, jogando. O esporte de crianças e adolescentes mostra sua cultura social pela motricidade, vivência e pelo tipo de relação que desenvolve (Sadi et al., 2004).

O estudante/jogador necessita gerir alguns condicionantes inerentes à estrutura, às normas e à funcionalidade do jogo. A saber:

Plano Temporal: vincula-se ao tempo que o atleta e/ou a equipe tem para realizar uma ação ou movimentação. O tempo pode ser limitado pelas regras do jogo, podendo ser parcial (limitando o tempo para agir com a posse de bola) ou total (tempo do jogo). O tempo é também condicionado pelas ações de companheiros e adversários.

Plano Espacial: corresponde às dimensões espaciais formais do campo de jogo, mas também é constituído de forma abstrata a partir da relação indivíduo-contexto-indivíduo.

Plano da Informação: caracteriza-se pelas informações estabelecidas a partir das emergências do contexto, no qual podem vir a facilitar as ações dos jogadores, bem como dificultar as decisões. Essas informações emanam do meio interno e externo ao jogo e tendem a ser facilitadas no âmbito da cooperação e dificultadas na relação opositiva.

Plano da Organização: atrela-se às interações estabelecidas entre os jogadores em consonância com referenciais estruturais, normativos e funcionais do jogo, sendo decorrente do nível de complexidade em que os elementos do jogo interagem (Garganta, 1998, Garganta et al., 2013; apud Galatti et al., 2017).

E, afinal, a aprendizagem mais popularmente conhecida e amplamente difundida também é resultado esperado neste estudo. De que, além de se aprender uma determinada prática esportiva, o esporte também seja um facilitador para a formação integral do indivíduo capacitando-o para ser cidadão crítico no mundo em que se insere (Scaglia, 1999; Leonardi, Galatti e Paes, 2009; apud Leonardi et al., 2014). E para o desenvolvimento integral do indivíduo, Paes (2008) e Leonardi et al. (2014) sinalizam para três aspectos a serem contemplados: o movimento, o pensamento e o sentimento.

Acerca do movimento, Freire (2002) e Leonardi et al. (2014) concordam que é necessário enxergar o movimento não somente pela ótica fisiológica ou biomecânica, mas carregado de intenções, de sentimentos, de inteligência. Afinal não há por que desenvolver habilidades (correr, saltar, girar etc.) que não sejam significativas, isto é, que não sejam a expressão de relações do sujeito com o mundo.

Sobre o pensamento ou desenvolvimento cognitivo, Leonardi et al. (2014) concorda com Balbino e Paes (2007) sobre a possibilidade de a Pedagogia do Esporte contemplar as múltiplas inteligências por meio da utilização dos princípios dos Jogos Esportivos Coletivos. Assim os autores buscam sinalizar para uma proposta que valoriza as múltiplas competências dos alunos, indicando para a relevância de múltiplas maneiras de ensinar e aprender no contexto da iniciação esportiva.

O aspecto sentimento considera as questões socioeducativas como cooperação, convivência, participação, autonomia e coeducação. E mais do que isso, trata-se de como o aluno lida com situações que acarretam motivação e estresse no ambiente de aulas e na relação aluno-aluno e aluno-professor (Leonardi et al., 2014). O professor tem relação direta com esse aspecto, pois o ambiente emocional criado no contexto de aulas pode influenciar positiva ou negativamente na resposta dos alunos.

4. MÉTODOS

Este trabalho figura um quadro de pesquisa qualitativa, justificado pelo seu reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes (Godoy, 1995).

A pesquisa científica, quando conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, ocorre em um movimento contínuo de fases interconectadas. Embora essas fases se entrelacem em uma dinâmica de avanços e retrocessos, cada uma delas mantém suas características e objetivos únicos. A pesquisa qualitativa “transforma os colaboradores de um estudo em coautores e protagonistas do processo metodológico” (Goellner et al., 2010).

Uma pesquisa-ação tem por finalidade possibilitar aos sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, os meios para conseguirem responder aos problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora. Ela facilita a busca de soluções de problemas por parte dos participantes, aspecto em que a pesquisa convencional tem pouco alcançado (Thiollent, 2011).

Tal metodologia de pesquisa é vista como um tipo de investigação-ação, processo que segue um ciclo em que a prática é aprimorada pela oscilação sistemática entre o agir por meio dela e o investigar a respeito (Tripp, 2005). Conforme o autor, este ciclo consiste no planejamento, implementação, descrição e avaliação da mudança adotada para melhorar a prática, e o aprendizado constante no decorrer do processo, tanto a respeito da prática, quanto de sua própria investigação.

Dessa forma, a pesquisa-ação no presente estudo, caracteriza-se pela busca de metodologias alternativas para o ensino do esporte no contexto escolar, mais precisamente no Colégio Estadual Professora Jane Assis Peixoto.

4.1 Caracterização da Escola

A pesquisa foi desenvolvida ao longo do ano de 2024, no Colégio Estadual Prof.^a Jane Assis Peixoto, situada no bairro Cidade Alta, no distrito de Posto da Mata, município de Nova Viçosa, Bahia, onde atuo como docente desde 2019.

Os alvos da pesquisa foram os estudantes das turmas de 1º ano, totalizando 80 participantes com faixa etária entre 15 e 17 anos.

A escola em questão foi fundada em 1982, oriunda de um projeto chamado Pólo Nordeste, para atender as necessidades dos municípios do Sul da Bahia. Entre estes, o município de Nova Viçosa, onde a Unidade Escolar que o Projeto construiu recebeu o nome Escola Estadual Professora Jane Assis Peixoto, em homenagem a uma batalhadora na educação do município, a professora Jane Assis Peixoto e Silva, pioneira na Educação deste distrito. A Escola foi autorizada à funcionar com o ensino fundamental no primeiro ciclo, do pré-escolar à 4ª série. Na época havia 258 alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino e 01 turma no Noturno.

Esta escola enfrentava diversos problemas: a estrutura física, degradante, estava com um portão amarrado com fios e o muro muito baixo, não havia nenhuma segurança. Com muita perseverança, elevou-se os muros e foram colocadas grades nas janelas, assim que possível. No ano seguinte, nas reuniões de pais, estes foram convidados para voltar a estudar e ajudar no cuidado da escola.

Depois, atendendo ao pedido dos alunos da Aceleração II (3ª e 4ª séries) do ano 2000, no ano de 2001 começou a funcionar no turno Noturno a Aceleração II, que equivale à 5ª e 6ª séries e, no ano seguinte continuação da 7ª e 8ª séries. Chegamos então a 911 alunos matriculados nesta escola.

Em 2004, para suprir as necessidades da clientela do Ensino Médio da Rede Estadual no município de Nova Viçosa, com crescimento do Distrito de Posto da Mata, esta Unidade Escolar foi autorizada a atender o Ensino Médio. Como a procura foi grande, o prédio não comportou, situado à Avenida João Durval Carneiro, s/n (onde hoje se situa a Escola Municipal Laura Bandeira), cujas salas eram para alunos do ensino fundamental, com espaço muito pequeno. Então a DIREC 09 - Diretoria Regional de Educação e Cultura, transferiu esta unidade para um prédio situado à Praça Mario Peixoto Rosa, Nº 263, Bairro Cajueiro, (onde hoje se situa o CEAP), com turmas nos turnos matutino e noturno e, no vespertino, o espaço era compartilhado com uma escola Municipal.

Após muita luta de direção, docentes e discentes, em 23 de setembro de 2014, mudou-se para o prédio novo, à Rua Girassol, 210, Bairro Cidade Alta, onde atende seus alunos até o momento. No ano de 2023, contamos com 920 alunos matriculados, fechando o ano letivo com cerca de 846 alunos. (Texto extraído do PPP da escola)

O prédio atual foi construído na área mais alta de um terreno acidentado. Isso faz com que as salas de aulas sejam separadas por corredores em declive. Conta com dez salas de aula, uma sala de informática, uma biblioteca que compartilha seu espaço com os atendimentos especializados, um refeitório, banheiros masculinos e femininos, áreas da direção, sala dos professores e secretaria. A escola não dispõe de auditório. O refeitório é utilizado para reunião de pais e/ou alunos, palestras, projetos, aulas extraclasse, pátio e o que mais ocorrer.

Observando o histórico da instituição, podemos concluir que ela vive tempos melhores agora que no passado. Seu espaço físico já foi muito mais inadequado. Em 2012 trabalhei temporariamente nesta escola cumprindo um período de substituição. Nesta ocasião, a escola funcionava precariamente no antigo prédio cedido pela prefeitura e compartilhado com uma escola municipal. Havia um pátio onde ocorriam atividades extraclasse, inclusive de Educação Física. A escola não contava com uma quadra. Utilizávamos a quadra de um clube localizado cerca de 300 metros de distância da escola.

4.2 Plano de intervenção

A proposta desse estudo é analisar os esportes coletivos sobre a perspectiva da Pedagogia do Esporte e transplantar as aprendizagens advindas do Futsal, sob os aspectos da lógica do jogo, para outras modalidades como o Handebol e o Frisbee, afinal, a lógica de desenvolvimento dessas modalidades esportivas promovem a mesma articulação dos princípios operacionais do Jogo.

Foi enviado à Escola um termo de autorização, solicitando permissão para a realização da pesquisa. Os estudantes e os responsáveis foram informados sobre a participação na pesquisa de Dissertação de Mestrado. Na oportunidade, os estudantes receberam um Termo de Assentimento que leram e assinaram. Também receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que os pais ou responsáveis leram e assinaram autorizando a participação dos estudantes, assim como o uso de imagem e voz.

A pesquisa foi realizada durante as aulas de EF que ocorrem uma vez por semana, com duração de cinquenta (50) minutos cada. O projeto foi aplicado em um trimestre letivo, contemplando vinte e uma (21) aulas, divididas em quatro (4) etapas conforme detalhadas a seguir:

PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA		
ESCOLA: Profª Jane Assis Peixoto		
Etapa/modalidade de ensino: Ensino Médio	Turma: 1º (A e B)	Turno: Matutino
Trimestre: 1º	Área de Conhecimento: Linguagens	Componente Curricular: Educação Física
Professora: Lisiane dos Santos Ramos		
SISTEMATIZAÇÃO DAS APRENDIZAGENS		
Conteúdo: Esportes de Invasão		
Objetivo Geral: Identificar as propostas, métodos e suas implicações no ensino dos esportes coletivos nas escolas de Ensino Médio na Bahia e as possibilidades contemporâneas de abordagem.		
Objetivos Específicos: <ul style="list-style-type: none"> • Analisar e descrever as percepções sobre o ensino dos esportes coletivos nas aulas de Educação Física Escolar; • Ampliar o olhar sobre as práticas no ensino do esporte contemporâneo; • Propor uma abordagem no ensino médio a partir da pedagogia do esporte. 		
Eixos Temáticos	Aulas – intervenções	
1ª Etapa - Diagnóstico	Aula 1. Conversa sobre a unidade didática e a pesquisa. Envio do Tcle para assinatura dos pais. Aula 2. Aplicação do questionário Aula 3. Introdução ao conteúdo: O que estudamos em EF no Ensino Médio?	
2ª Etapa – Vivenciando e Fruindo	Aula 4. Jogo de Futsal livre Aula 5. Solicitação de trabalho – Mapa Mental. Esportes Olímpicos divididos nas 8 classificações dos esportes	

	<p>(BNCC). Esboço dos principais esportes de invasão e seus jogadores.</p> <p>Aula 6. Jogo de Handebol livre.</p> <p>Aula 7. Descrição dos Princípios Operacionais e Invariantes. Pesquisar meta e implemento de cada esporte citado na aula 3.</p>
<p>3^a Etapa - Vivenciando as práticas esportivas institucionalizadas</p>	<p>Aula 8. Orientações sobre os Jogos Interclasse de Futsal.</p> <p>Aula 9. Orientações sobre arbitragem e tabela de jogos. Entrosamento da equipe – interclasse.</p> <p>Aula 10. Jogo para entrosamento da equipe – definição das posições.</p> <p>Aula 11. Jogos Interclasse de Futsal.</p>
<p>4^a Etapa - Recriando os Jogos Coletivos</p>	<p>Aula 12. Jogos reduzidos 2x2 (Futsal, Handebol e Frisbee)</p> <p>Aula 13. Queimada Tradicional</p> <p>Aula 14. Queimada com os pés.</p> <p>Aula 15. Bandeirinha Hand e Bandeirinha Frisbee</p> <p>Aula 16. Bobinho 3x3 (Futsal, Handebol e Frisbee)</p> <p>Aula 17. Partida de Handebol com regras oficiais</p> <p>Aula 18. Partida de Frisbee com regras oficiais</p> <p>Aula 19. Tira-dúvidas para o torneio</p> <p>Aula 20. Torneio</p> <p>Aula 21. Avaliação do projeto</p>

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Conceito de Esportes

5.1.1 Diagnóstico

A primeira etapa do projeto compreendeu um período de 3 aulas ministradas para as duas turmas participantes do projeto. A primeira aula foi destinada a um diálogo mais aprofundado sobre a presente pesquisa e sobre como ela se desenvolveria ao longo da unidade didática. Os estudantes puderam tirar dúvidas sobre a origem da pesquisa e sua real participação nela. A segunda aula foi reservada para o preenchimento do questionário. Os estudantes foram orientados a serem o mais verdadeiros possível e a responder individualmente.

A primeira indagação do questionário teve o objetivo de compreender as percepções dos estudantes acerca do conceito de “Esporte”. Este conceito é construído na vida do estudante ao longo dos anos escolares e nas vivências esportivas para além da escola. Segundo Marques (2015), o esporte é um fenômeno sociocultural que está presente na sociedade globalizada, sendo influenciado pela diversidade cultural e, ao mesmo tempo, contribuindo para a disseminação de formas de conhecimento, expressão e interação que buscam ser universais. Nesse contexto, o esporte, como objeto de diversos campos sociais, apresenta aos indivíduos que se relacionam com ele um dilema complexo que envolve questões como: "O que é esporte?" "Isso é esporte?" "Aquilo não é esporte?"

O autor ainda propõe que o esporte pode ser compreendido por duas perspectivas: primeiro, como um fenômeno universal, envolvendo pessoas de diferentes culturas e que assumem certos valores simbólicos que podem parecer consensuais; segundo, como um fenômeno plural, que se transforma e incorpora características culturais próprias dos indivíduos que se relacionam com ele.

Uma parcela significativa dos estudantes entrevistados, demonstrou compreender Esporte à luz do conceito abordado pela BNCC. Isso foi notado em falas como: “é uma prática corporal e mental”; “um tipo de atividade física onde tem jogos, exercícios e aventuras”; “jogos que tem uma meta: cesta, gol, ponto.” De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o esporte é uma prática corporal institucionalizada, com regras formais e que envolve a comparação de desempenho entre grupos ou indivíduos (Brasil, 2017).

Algumas respostas demonstraram que uma parcela dos estudantes associa o Esporte ao Lazer. Notamos em menções como: “esporte para mim é uma atividade física, para outros lazer, diversão, etc”; “pra mim é alegria, aprendizagem, esforço, conquistas e vida.”

Na perspectiva da Pedagogia do Esporte, o esporte é um fenômeno que vai muito além da prática física ou da competição em si. Ele carrega dimensões socioculturais profundas, que podem ser potencializadas quando o ensino é orientado por intencionalidade pedagógica e crítica. Reverdito, Scaglia e Galatti (2014) destacam que o esporte, quando tratado de forma sistematizada e educativa, contribui significativamente para a formação cidadã dos estudantes, permitindo que eles se desenvolvam em diferentes aspectos – físicos, sociais e éticos. Nessa mesma direção, Garganta (2020) argumenta que a prática esportiva, ao ser organizada e refletida no espaço escolar, possibilita que o aluno se aproprie do jogo, compreenda seus significados e exerça sua autonomia. Assim, o esporte escolar se revela como um conteúdo com alto potencial formativo, desde que trabalhado de forma consciente, crítica e contextualizada.

Outra grande parcela demonstrou considerar o Esporte vinculado à saúde e qualidade de vida. “É um tipo de prática corporal e serve para ajudar no peso, na memória, etc”; “esporte é tudo aquilo que força o corpo ou a mente e faça bem para o ser humano”; “esporte é uma atividade física para manter a saúde e o corpo físico bem.” Contudo, Barbanti (2006) conceitua o Esporte como sendo uma atividade competitiva formalizada que exige esforço físico intenso ou o uso de habilidades motoras complexas, realizada por indivíduos motivados por uma combinação de fatores internos e externos. Sendo assim, uma atividade física praticada apenas para atender recomendações à saúde não teria as características necessárias para ser definida como Esporte.

Algumas respostas parecem trazer um sentimento de incômodo com essa prática, como uma fala que diz que “infelizmente é algo que as pessoas praticam”. Este sentimento pode ter se originado em vivências negativas com o esporte. Mas também pode ser oriundo da escolha de conteúdos feita pelos professores de EF, que segundo dados da pesquisa de Dos Santos Ferreira et al. (2014), a eleição dos conteúdos das aulas é o motivo da não participação de 71% dos estudantes do Ensino Médio de uma escola da grande Florianópolis.

Respostas mais condizentes com o cerne de Esporte disseram: “atividade física usada geralmente para competição entre duplas ou equipes”; “esporte tem regras diferentes de um jogo”; “um jogo com regras concretas”; “esporte é um jogo que era praticado por pessoas, aí no passar do tempo virou esporte”; “é uma prática dividida por modalidades”; “é uma atividade física que envolve competição e regras específicas”. Ainda assim, parece ser impossível estabelecer uma definição estrita de esporte que não caia em um reducionismo determinista.

Algumas respostas delatam incompreensão desta prática: “Esporte é toda atividade física ou ação que faz bem ao corpo”; “esporte: estuda o físico para o corpo ajudar em um problema e ajuda no físico”. Isso deixa claro o distanciamento entre a EF dita teórica, estudada em sala de aula, e a EF prática, feita em quadra.

Embora os debates teóricos sobre a integração entre teoria e prática na Educação Física escolar tenham avançado consideravelmente, essa aproximação ainda enfrenta obstáculos na realidade das aulas. Segundo Fernandes (2021), tanto professores quanto estudantes tendem a compreender a teoria de maneira reducionista, como um conjunto de orientações técnicas a serem seguidas, esvaziando seu potencial crítico e reflexivo. Essa postura transforma a teoria em um instrumento de reprodução do sistema educacional vigente, marcado pela obediência e pela funcionalidade. Em consonância, Mezzaroba (2023) argumentam que, apesar dos avanços conceituais, persiste nas escolas uma estrutura conservadora que mantém teoria e prática dissociadas. Apenas projetos pedagógicos específicos, bem planejados e executados, conseguem romper com essa lógica fragmentada e promover uma prática pedagógica mais integrada e consciente.

E ainda, uma outra fala chama a atenção: “é uma atividade de correr atrás da bola”. Esta fala denuncia anos e anos de uma EF presa ao futsal apenas jogado. Não discutido, não ensinado, não extrapolado à outras modalidades com a mesma lógica interna. Negligência ao tratar o esporte e a Educação Física resumindo-os ao “rola bola”.

Galatti e colaboradores (2017) afirmam que a responsabilidade pelo processo educativo exige que os educadores tenham a habilidade de engajar e sensibilizar as pessoas, criando um ambiente de aprendizagem com objetivos pedagógicos claros. Portanto, é essencial um bom planejamento para alcançar esse objetivo.

A Educação Física, enquanto campo do conhecimento voltado para as práticas corporais historicamente construídas e socialmente compartilhadas, assume o esporte como uma de suas expressões mais presentes no ambiente escolar. Dessa forma, torna-se responsabilidade da área tratar esse fenômeno como conteúdo educativo, promovendo sua ressignificação por meio de abordagens pedagógicas intencionais e contextualizadas, que permitam aos estudantes compreenderem o esporte para além de sua dimensão técnica ou competitiva (Moreira, 2022).

5.1.2 Bate Bola

Na terceira aula introduzimos o tema através da pergunta: “O que estudamos em Educação Física no Ensino Médio?” Nesta aula os estudantes apontaram suas expectativas para as aulas de EF no EM e relembrou conteúdos estudados no Ensino Fundamental.

Os estudantes foram questionados sobre as várias formas de se ensinar esportes em ambientes como escolinhas de esportes e em escola. Com essa pergunta buscávamos aferir a coerência ou distorção da compreensão acerca das atribuições das duas instituições citadas. A sociedade parece sempre esperar da EF escolar uma reprodução da escolinha de esportes. E essa expectativa a coloca em uma situação de eterna deficiência, parecendo estar sempre aquém do esperado: “Na escolinha o assunto pode ser mais estudado”; “eles são profissionais para treinar. Eles têm vários equipamentos;” “na educação física não há recursos”; “tem diferenças porque nem sempre tem uma quadra porque nem todas as escolas têm muita condição de dinheiro”.

É necessário se fazer compreender as atribuições e as metodologias incumbidas a cada uma dessas instituições. O que é da alçada da EF escolar, seus conteúdos, suas metodologias, tudo isso importa e pode se tornar tema de aula. Os estudantes precisam compreender que o protagonista da aula é o indivíduo, e não a prática corporal estudada. Não é o aluno que não serve para o esporte, mas a metodologia empregada que precisa ser modificada para que, dentro da escola, o estudante tenha acesso a tal conhecimento.

O esporte na escola é legítimo uma vez que sua natureza é educacional, promove oportunidades àqueles que não tem acesso ao esporte pela via da educação não formal (Paes, 2022).

Inserir uma criança no universo esportivo exige que o esporte seja adaptado às características da infância, e não o contrário. Para isso, é fundamental que o planejamento pedagógico considere elementos essenciais dessa fase do desenvolvimento, como a ludicidade, a liberdade de expressão e a abertura à aprendizagem. Sequências didáticas, estratégias e intervenções devem ser pensadas a partir dessas necessidades, garantindo um processo de ensino que respeite e potencialize a natureza infantil (Galatti et al., 2008, p.409).

Educação e esporte constituem uma relação sólida e equilibrada, com grande potencial para promover o desenvolvimento integral do ser humano. Em qualquer contexto em que o esporte esteja presente, é essencial que sua prática esteja diretamente associada a propósitos educacionais, reforçando seu papel formativo e transformador (Paes, 2022).

Darido (2006) lembra que, com a ascensão dos militares ao governo brasileiro, o esporte se tornou muito mais rígido nas aulas de Educação Física. Outrora com um caráter mais informal, permitindo alterações nas regras e promovendo aspectos cooperativos e competitivos, além de oferecer situações para os alunos resolverem problemas, agora se tornou muito mais estrito e formal. As regras são normatizadas, o controle para resolução de problemas é exclusivo do professor e há um foco maior na competição, com a principal meta sendo o rendimento.

“Não há muita diferença, é que a maioria dos alunos não colabora na escola.” De acordo com essa resposta, a EF escolar poderia realizar treinamento esportivo, se os alunos colaborassem. A saber, os alunos que não “colaboram” seriam aqueles que não tem habilidades desenvolvidas da modalidade pretendida? Se assim for, então é a metodologia que não está colaborando para o aprendizado.

“Nas escolinhas de esportes eles focam bastante no que estão fazendo, e na escola é mais por diversão”; “nas escolinhas os professores são mais focados a ensinar. Já nas escolas nem todos os professores fazem questão de ensinar direito”. “Ensinar direito” seria sinônimo de “treinar”? Ou “ensinar direito” poderia ser descrito como “transliterar o objeto de conhecimento até que se alcance a compreensão dos estudantes”? Podemos perceber como a compreensão dos estudantes pode ser tendenciosa.

A relação entre Educação Física e Esporte tem sido historicamente próxima, embora marcada por debates sobre como essa conexão deve se estabelecer. Durante muito tempo, questionou-se se a Educação Física deveria ocupar um papel de superioridade em relação ao esporte, se o esporte teria maior relevância, ou mesmo se ambas as áreas poderiam ser consideradas equivalentes ou até sinônimas (Moreira, 2022).

Ao ser trabalhado como conteúdo da Educação Física Escolar, o Esporte não deve ser tratado de maneira improvisada ou meramente como prática esportiva competitiva e desestruturada. Essa abordagem reducionista já gerou muitas críticas equivocadas sobre a presença do esporte na educação formal, comprometendo seu real potencial pedagógico. Nada contra o talento esportivo, muito pelo contrário, não se trata de excluir o talento, mas sim incluir o que não o é (Paes, 2022). Embora o professor se preocupe com o ensino do gesto técnico, ele não enfatiza a especialização. Em vez disso, ele se dedica a explicar as razões pelas quais cada fundamento técnico é necessário e o momento adequado para sua utilização, incentivando a reflexão dos alunos (Costa et al., 2019).

A Educação Física, enquanto campo de saber voltado para as práticas corporais historicamente construídas e socialmente compartilhadas, reconhece no esporte uma de suas expressões mais presentes no ambiente escolar. Por isso, assume o compromisso de tratar esse fenômeno como conteúdo educativo, transformando-o em conhecimento por meio de propostas pedagógicas bem estruturadas e coerentes com os objetivos formativos da escola (Moreira, 2022).

Essa fala chamou muito a minha atenção: “pois a maioria dos esportes são brincadeiras, mas as pessoas criam competições e essa acaba se tornando chato”. Isso nos remete à ocasião da criação de cada modalidade esportiva. (Sempre repito aos meus alunos(as): “Todo esporte nasceu um jogo”.) Demonstra também, a essência do esporte como jogo nas aulas de EF, e ao mesmo tempo delata a competição muito mais presente do que deveria. “Sim, acho que na escola é algo mais divertido e para queimar o tempo e nas escolinhas é mais puxado, mais sério”.

“Na escolinha eles praticam, já na escola ela ensina tipo a história e as regras.” Aqui podemos perceber uma compreensão das diferentes funções da EF quando comparada à Escolinha de Esportes. “A escolinha forma o aluno com um objetivo que no futuro seja um profissional na educação física”; “nas escolinhas só ensina a jogar

já na escola não, ensina a jogar tudo sobre os esportes variados”; “na escolinha de esporte aprendemos sobre regras, dribles e é mais complexo no ensino. Na educação física só aprendemos alguns princípios básicos.”

A forte presença do esporte de rendimento dentro do ambiente escolar tem provocado a substituição do que deveria ser um esporte com fins educativos por uma prática que reproduz os padrões técnicos e competitivos das instituições esportivas. Em vez de construir experiências formativas, o esporte escolar muitas vezes assume um formato voltado exclusivamente para a técnica, desvinculado de objetivos pedagógicos mais amplos, como a formação cidadã e o desenvolvimento crítico dos alunos (Martins, 2024).

Clarifica-se nessas respostas que uma parcela significativa dos estudantes teve contato com ambas as metodologias e demonstra ter uma compreensão, ao menos basilar, dos limiares dessas duas faces da educação física: a escolar e a escolinha.

“Eu não acho nada, até porque o esporte é bom para quem gosta.” Aqui percebemos a frustração por detrás da fala. Como eu gostaria de ir mais adiante com esse(a) entrevistado(a) e saber a origem desse incômodo com a EF. Se foi uma experiência negativa própria na prática, ou se tem mais a ver com o tédio do não fazer nada durante as aulas. Brandolin e colaboradores (2015) apresentam diversos fatores presentes nas aulas de EF que estão diretamente relacionados com a motivação dos estudantes nas aulas: características demográficas dos alunos, habilidade em esportes, infraestrutura para as aulas, tipo de planejamento, sexo e ambiente pedagógico.

Diversos estudos contemporâneos têm demonstrado que a motivação intrínseca é um fator determinante para o engajamento dos estudantes nas aulas de Educação Física e para a manutenção de hábitos saudáveis ao longo da vida. Franceschina, Marmentini e Fin (2024) identificaram que os alunos que reconhecem valor nas aulas e sentem prazer em participar tendem a demonstrar maior intenção de permanecer fisicamente ativos no futuro. Em concordância, uma pesquisa realizada com estudantes do ensino médio na Turquia (Işikgöz, 2025) revelou que altos níveis de motivação intrínseca estão associados a emoções positivas e maior realização durante as aulas, evidenciando que o envolvimento emocional fortalece o interesse pela prática. Já um estudo chinês (Liu, 2023) demonstrou que a motivação interna é potencializada quando o ambiente pedagógico favorece a autonomia,

oferece suporte e valoriza o progresso individual. Esses achados apontam para a importância de metodologias que não apenas desenvolvam habilidades motoras, mas também estimulem o prazer, a autonomia e o sentido das experiências vividas nas aulas de Educação Física.

Os estudantes foram questionados sobre as formas de se ensinar esporte e a possibilidade de um ensino de Esportes diferente. Uma parcela dos estudantes, que concorda que o ensino dos esportes poderia ser diferente, enxerga no professor o agente transformador desse feito. “Sim, porque muitos professores não ensinam direito”; “sim porque alguns professores eram muito preguiçosos e isso poderia mudar”; “existem muitas formas de aprender, as vezes os professores poderiam investir nisso”; “isso depende da professora, se ela quiser ensinar algo de diferente”; “não sei dizer ao certo, mas poderia ter esses diferentes ensinamentos como ensinar de outra perspectiva de como se jogar bola.” Fensterseifer e Gonzalez (2006) concluíram que há os professores(as) que se empenham no propósito de ensinar (independente da proposta metodológica que defendem) e têm aqueles que abriram mão desse propósito.

Percebe-se a supremacia masculina presente nas aulas de EF quando lemos: “Sim, poderia ter treinamento para as meninas que tem dificuldade nos esportes”; “acho que poderia, por mais que o futebol seja pra homens e o vôlei seja pra mulheres eu acho que poderia ser junto”; “sim, praticar mais o esporte das meninas”. Altmann (2015) destaca a importância de se trabalhar pedagogicamente o esporte com meninas na escola. Para além da possibilidade de ampliação de seus conhecimentos e habilidades, esse fato se configura como um direito de igualdade.

Falas pontuais mostram a percepção do aluno sobre a metodologia empregada: “deveria ser mais inclusivo”; “de uma forma que todos entendam”; “sim, mas em questão de prática de esportes não tradicionais”; “de uma forma mais divertida onde todos se juntem para jogar”; “praticar outros esportes além de futebol”; “algumas pessoas têm dificuldade de aprender”; “invés de focar na competição e nas habilidades técnicas, os educadores podem integrar valores como o trabalho em equipe”.

Pesquisas recentes na área da Pedagogia do Esporte apontam que metodologias que utilizam o jogo como eixo central do processo de ensino-aprendizagem são mais eficazes para promover a aprendizagem significativa do

esporte. Galatti et al. (2023) defendem que a prática esportiva deve ser estruturada com base em desafios progressivos e contextualizados, nos quais os aspectos técnicos, táticos e estratégicos são integrados em situações reais de jogo, colocando o aluno como protagonista do seu processo formativo. Essa abordagem se distancia de modelos fragmentados e tecnicistas, típicos de escolinhas e clubes, priorizando a autonomia, a reflexão e a vivência plena do esporte. Reforçando essa perspectiva, Santos Júnior, Furtado e Borges (2023) argumentam que o jogo não deve apenas iniciar o contato com a modalidade, mas também ser o principal recurso para aprofundar a compreensão dos elementos táticos e técnicos, os quais devem ser ensinados de forma gradual, vinculados ao contexto sociocultural dos alunos e acompanhados de constante reflexão. Assim, o ensino do esporte deixa de ser mera reprodução técnica para se tornar um processo educativo amplo, participativo e conectado com a realidade dos estudantes.

Mas a visão tecnicista permanece exercendo grande influência na forma como os estudantes percebem esta disciplina: “Poderiam não só ensinar em escolas, mas também levar em algum lugar profissional para aprendermos melhor”; “na minha experiência de goleiro quando o time oponente faz gol o time fica muito bravo com você”; “só ter treinamento mesmo”; “os professores podiam fazer mais treinamentos para nós”; “algo mais complexo com regras seguida à risca”.

5.2 Ensino dos Esportes

5.2.1 Vivenciando e Fruindo

Na primeira aula dessa segunda etapa do projeto, denominada de “Vivenciando e Fruindo”, os estudantes foram informados que jogariam Futsal livremente, sem interferências da professora. Eles deveriam se organizar para formar as equipes e seriam observados durante o desenrolar da atividade.

A segunda aula desta etapa foi realizada em sala de aula onde os estudantes foram questionados sobre os Esportes de Invasão mais praticados nas escolas. Futsal, Handebol e Basquetebol foram as principais respostas. Contudo, alguns estudantes citaram Bandeirinha ou Bandeirola como sendo esporte de invasão e essa foi a deixa para dar introdução ao conceito de Lógica Interna.

De acordo com Pallos (2022), em contrapartida ao método tradicional e ao Rola-bola, a BNCC indica o ensino dos esportes por meio da lógica interna das

modalidades, que propõe que sejam agrupados e organizados conforme a interação com o adversário, o desempenho motor utilizado específico dela e os objetivos táticos da ação.

Para ilustrar a explicação, a professora utilizou o quadro e esboçou a área de jogo das principais modalidades esportivas citadas, bem como o posicionamento de cada jogador. Foi solicitada uma pesquisa sobre os esportes olímpicos, e em formato de Mapa Mental os estudantes deveriam dividi-los de acordo com as Classificações dos Esportes demarcada pela BNCC.

A terceira aula foi destinada a um jogo de Handebol livre. Assim como no Futsal, os estudantes foram orientados a jogarem conforme aprenderam no ensino fundamental, sem interferências da professora. No entanto em ambas as turmas foram necessárias instruções básicas sobre posicionamento e regras do jogo. Uma pequena minoria dos estudantes demonstrou conhecer o handebol o suficiente para jogar uma partida, ainda que informalmente.

A aula seguinte, a sétima aula do projeto, teve como objetivo descrever o conceito de Princípios Operacionais e Invariantes. Também foram instigados a pesquisar sobre meta e implemento de cada esporte citado na aula 3 da primeira etapa.

Autores da Pedagogia do Esporte têm destacado a importância de orientar o ensino dos jogos coletivos de invasão a partir de princípios operacionais e invariantes, em oposição ao tradicional ensino técnico fragmentado. Segundo Barroso e Darido (2022), a utilização de princípios operacionais — como atacar, defender, transitar e ocupar espaços — possibilita estruturar o ensino com base na lógica interna dos jogos, favorecendo o desenvolvimento da tomada de decisão e da compreensão tática. Essa metodologia é potencializada por meio de pequenos jogos, nos quais os alunos vivenciam situações reais de jogo que integram técnica, tática e estratégia de forma contextualizada e significativa. Além disso, os autores ressaltam que os esportes coletivos compartilham invariantes fundamentais, como a presença de alvos, adversários, regras, espaços e objetos de disputa. Ao reconhecer essas estruturas comuns, é possível tratar diferentes modalidades esportivas com um mesmo enfoque pedagógico, facilitando a transferência de aprendizagens e fortalecendo a compreensão global das dinâmicas coletivas. Assim, o ensino baseado em princípios

operacionais e invariantes contribui para uma aprendizagem mais autônoma, reflexiva e aplicável a diversos contextos do jogo.

Os estudantes foram incentivados a refletir sobre suas experiências com o esporte na escola, tanto positivas quanto negativas.

Grande parte dos relatos de experiências positivas estão atreladas à competições escolares: “Interclasse; na antiga escola a gente foi jogar em Nova Viçosa e em Teixeira”; “o dia que eu joguei um campeonato e meu time se classificou e fomos pra próxima fase, foi muito emocionante”; “na minha antiga escola nosso time ia jogar fora”; “ser campeão do interclasse”; “ganhar um interclasse”; “ganhei uma vez no interclasse”; “jogar em Nova Viçosa, representei minha escola e ganhei o interclasse”; “eu gostei muito de quando eu pude jogar o Jerp em outras cidades”; “ganhei um campeonato interno na minha antiga escola”; “tive minhas experiências como jogar campeonatos escolares em outras cidades”.

Segundo Daólio (2013), a escola é uma instituição que organiza, sistematiza e transmite o conhecimento historicamente criado pelos seres humanos, com o objetivo de ser útil para os alunos, permitindo que eles se integrem na vida cultural, tenham melhores oportunidades, desenvolvam suas potencialidades e se tornem cidadãos. A Educação Física escolar deve abordar a parte da cultura relacionada às questões corporais. O autor concorda com Bracht (2005) ao reconhecer que o modelo de esporte de alto rendimento ou espetáculo tem sido o mais influente na prática esportiva escolar, trazendo valores e códigos como seletividade, exclusão, vitória-derrota, maximização do rendimento, uso de recursos questionáveis para vencer, violência e foco apenas na técnica eficiente. Além disso, o autor destaca que o problema de usar o modelo de Esporte de Rendimento nas aulas de Educação Física é que ele parece negar princípios fundamentais da escola, especialmente a garantia de iguais oportunidades de conhecimento para todos os alunos.

Outra grande parcela dos estudantes entrevistados denuncia o quanto o desinvestimento pedagógico presente nas aulas está normalizado: “Ficava sentada observando outras pessoas jogando”; “ficava sentada jogando uno”; “eu saia da sala e ia olhar a vida dos outros”; “os professores não me forçavam a fazer as atividades”; “ah é bom, ficar olhando as pessoas jogar ou até jogar queimada”.

Quanto aos esportes escolhidos, evidenciou-se que as aulas se restringem ao Futebol/Futsal e Voleibol. A queimada é muito presente e os alunos a compreendem como esporte. O maior atrativo das aulas de EF é o “jogar com os amigos” e o “sair da sala”.

Dentre as respostas para as experiências negativas, foi mencionado que “apenas os meninos jogam”; “achar que não é bom o suficiente e que outros são melhores que você”; e as brigas em quadra; a infraestrutura precária; a frustração por não ganhar os jogos escolares também foram citados.

A aprendizagem resulta da combinação de fatores contextuais e internos do aluno e do ambiente escolar, os quais têm um impacto significativo no processo, podendo tanto facilitar quanto prejudicar o ensino e a aprendizagem (Minelli et al., 2010, apud Andrade e El Tassa, 2015).

Ao serem perguntados sobre o primeiro esporte coletivo que aprenderam na escola, 42% disseram ter sido futsal e/ou futebol; 9% o Handebol; 6% o voleibol e 39% a Queimada. Novamente o indicativo de que alunos do Ensino Médio compreendem queimada como sendo um esporte. Alguns estudantes disseram não ter aprendido nenhum esporte na escola.

Todo processo de ensino, aprendizado e treinamento surge das interações entre professor e aluno durante o ato de aprender e educar. Assim, ao ensinar esporte, não se transmite apenas uma modalidade esportiva, mas também se promove cidadania, humanidade e personalidade (Greco, Morales e Aburachid, 2012).

Os estudantes também foram questionados sobre o ensino dos esportes no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e se há diferenças entre as metodologias utilizadas nas duas etapas.

“Sim, porque no ensino fundamental eles só ensinam futebol e queimada.” Podemos perceber nessa fala, e em muitas outras semelhantes, a hegemonia do esporte no ensino fundamental. E sempre limitado a essas duas práticas corporais.

“Sim, porque o ensino fundamental pode ter mais recursos financeiros.” Aqui fica explícito que os estudantes entendem que o ensino dos esportes está diretamente relacionado à estrutura financeira da instituição. Os gestores escolares não compreendem que o material esportivo é item fundamental para o desenvolvimento das aulas de EF e não investiam nesses itens, alegando alto custo. Contudo, material

esportivo é considerado “material didático”, sendo permitida a aquisição deles com verbas específicas que asseguram a compra de artigos para desenvolvimento das aulas dos diversos componentes curriculares.

“Sim, porque pegamos mais prática.” Percebemos nessa fala que ainda permanece a compreensão de que a EF no Ensino Médio tem como função especializar os alunos nas práticas de modalidades esportivas culturalmente mais praticadas na instituição.

“Sim, porque quem está no ensino médio já está na reta final dos estudos e não ligam muito para esportes, já pensam em começar a trabalhar.” Aqui contemplamos uma visão mais negligenciada da EF como componente curricular, desconsiderando suas atribuições e importância para a formação do estudante no EM.

Uma grande parte dos estudantes revelou acreditar que não seja diferente o ensino dos esportes no ensino médio. Isso porque eles percebem que são sempre as mesmas modalidades.

A Educação Física apresenta características distintas ao longo das etapas escolares, revelando desafios específicos em cada fase. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a prática costuma estar voltada para o desenvolvimento da coordenação motora, por meio de atividades lúdicas que também estimulam habilidades cognitivas básicas. Já no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, observa-se uma mudança de foco: as aulas passam a enfatizar a prática esportiva, muitas vezes limitada à repetição técnica de fundamentos de modalidades específicas. De acordo com Paes et al. (2023), essa transição acaba por reproduzir, especialmente no Ensino Médio, modelos baseados no rendimento esportivo, esvaziando o potencial educativo da disciplina e restringindo a aprendizagem à execução de gestos técnicos. Essa continuidade mecânica de conteúdos, que ignora as mudanças no interesse e na maturidade dos estudantes, revela a carência de uma abordagem pedagógica mais reflexiva e contextualizada, capaz de promover uma formação integral e crítica por meio da Educação Física.

Há uma quantidade considerável de alunos no Ensino Médio que não demonstram interesse pelas aulas de Educação Física. Entre outras reclamações, os alunos apontam que os conteúdos são sempre repetitivos, o que dificulta a participação e o interesse nas aulas. Os professores, por sua vez, justificam a

repetição dos conteúdos do Ensino Fundamental no Ensino Médio, alegando que, ao trabalhar com esportes, a aceitação dos alunos é imediata. Eles também afirmam que conteúdos como lutas e dança enfrentam resistência por parte dos alunos, dificultando a inclusão desses temas no planejamento das aulas (Darido, 2003 apud Dos Santos Ferreira, Graebner e Matias, 2014).

5.3 Os Esportes nas aulas de Educação Física

5.3.1 Vivenciando as Práticas Esportivas Institucionalizadas

Todos os anos, no primeiro trimestre letivo, realizamos um Interclasse de Futsal. Com isso buscamos alcançar muito objetivos: saciar a fome que os estudantes têm por esse Esporte, para que possamos avançar nos demais conteúdos da EF para o Ensino Médio; oportunizar a vivência de um esporte institucionalizado – jogando, arbitrando, montando tabelas; e, a partir do Futsal inserir outros esportes de invasão por meio da associação à lógica interna.

Autores recentes da Pedagogia do Esporte têm defendido que a aprendizagem nos esportes coletivos deve ser estruturada com base na lógica interna das modalidades, ou seja, em seus elementos funcionais, relacionais e estratégicos. Silva et al. (2023) argumentam que, ao alinhar essa lógica com métodos situacionais de ensino, é possível organizar as aulas de forma coerente com a natureza dos jogos, promovendo um ensino progressivo e significativo. Nessa mesma direção, Menezes-Fagundes et al. (2021) destacam que ferramentas pedagógicas baseadas em modelos como o Teaching Games for Understanding (TGfU) e a Praxiologia Motriz contribuem para desenvolver nos alunos a capacidade de identificar, analisar e interagir com os elementos que estruturam o jogo. A articulação entre sujeito e ambiente, mediada por tarefas situadas e reflexivas, permite que o processo pedagógico vá além da simples reprodução técnica, estimulando a compreensão tática, a tomada de decisão e a autonomia dos estudantes. Assim, o ensino fundamentado na lógica interna fortalece a aprendizagem esportiva ao conectar teoria, prática e contexto real de forma integrada e formativa.

A primeira aula dessa etapa, denominada de “Vivenciando as Práticas Esportivas Institucionalizadas”, a oitava do projeto, foi destinada a ter esse diálogo com os estudantes. Explicar como funciona a dinâmica dos jogos na escola, contar as experiências vividas, incentivar as meninas a participarem, designar um capitão

responsável pela equipe daquela turma. Nesse evento, todas as turmas de 1ª à 3ª séries participam. As turmas veteranas que já participaram anteriormente, ficam responsáveis por diversas funções como organizar reuniões com os times, colaborar em turno oposto (quando possível) na realização dos jogos de outras turmas, ajudar na arbitragem, mesa e bandeirinha. Os estudantes dos primeiros anos são responsáveis pela limpeza da quadra e entorno.

A segunda aula da etapa foi destinada à distribuição das fichas de inscrição e orientações específicas sobre arbitragem e tabela de jogos. A equipe foi orientada a fazer um jogo de entrosamento. Na aula seguinte fomos direto para a quadra e convidamos outra turma para ir também a fim de fazer amistosos pré interclasse. Na semana da décima primeira aula do projeto, foi realizado os Jogos Interclasse de Futsal, com apoio de toda a equipe escolar.

Ao serem perguntados sobre o esporte que mais gostariam de ter aprendido a jogar na escola, 31% dos estudantes responderam que gostariam de ter aprendido a jogar Basquete e 22% gostariam de ter aprendido a jogar vôlei. Surpreendentemente 11,5% gostariam de ter aprendido o Futsal ou Futebol.

Analisando melhor essas e outras respostas, posso concluir que os estudantes consideram não ter aprendido devidamente esse esporte, que ele foi ensinado superficialmente e não satisfatoriamente.

Os estudantes também foram questionados sobre a possibilidade de ensinar esportes não tradicionais na escola. 63% dos estudantes responderam que sim, dá para ensinar esportes não tradicionais na escola, enquanto 47% não vê possibilidade para isso. Contudo, algumas respostas atrelaram a viabilidade ao espaço físico, materiais adequados, disponibilidade do professor e boa vontade dos estudantes.

A respeito da utilização das aulas de Educação Física para treinar os alunos mais habilidosos para as competições e a dispensa dos alunos menos habilidosos das aulas, a opinião dos estudantes foi surpreendente. 45 por cento se mostraram a favor da utilização das aulas de EF para treino dos mais habilidosos. As justificativas são variadas: “Eu acho bom porque eu não gosto de jogar e prefiro aula na sala”; “sim, isso vai ter vantagem em nome da escola”; “super ótimo, assim podemos levar o nome da nossa cidade para fora”; “apoio muito pois isto é um gatilho para o futuro deles”.

Os favoráveis representam basicamente duas frentes: os que apoiam porque se consideram mais habilidosos e, os que apoiam, afinal isso é indiferente para eles pois não costumam participar na prática.

34% se posicionaram contra. Porém este grupo traz um discurso muito mais colérico e militante que o grupo favorável: “Injusto, a aula de educação física é um lugar de prática e ensino do esporte para todos”; “acho errado até porque muitas pessoas se sentem inferior”; “não faz sentido até porque estamos lá para aprender igual todo mundo, não devemos julgar ninguém, todos nós temos direito para jogar tendo habilidades ou não”; “acho ridículo porque todos devemos praticar esportes, então tem que ensinar os mais habilidosos e os menos habilidosos da mesma forma”; “acho errado porque a educação física é para todos e não só para os habilidosos”; “acho errado porque escola não é escolinha de futebol, estão para aprender”; “acho terrível, os alunos menos habilidosos poderiam ganhar uma chance e serem treinados invés de simplesmente descartados”.

Um grupo pequeno de entrevistados acredita que esse movimento de competitividade e treinos incentiva os menos habilidosos a participar: “Acho bom pois com isso os alunos iriam querer se tornar melhor para participar das aulas ser mais competitivo sabe?”

5.3.2 Recriando os Jogos Coletivos

A meta dessa última etapa do projeto era oportunizar vivências de jogos muito característicos do ambiente escolar, mas que aos poucos foram perdendo espaço para o foco no Esporte Institucionalizado. Essas práticas precisam estar na base do ensino dos esportes pois eles ensinam muito sobre trabalho em equipe, lógica interna do jogo, distribuição do implemento para alcançar a meta. A análise do ensino-aprendizagem dos jogos populares, esportivos, olímpicos e não olímpicos como uma forma eficaz de promover a inclusão nos esportes deve estar alinhada com a prática pedagógica, ou seja, com a realidade da Educação Física. Esses caminhos têm fornecido indicações para a reformulação da Pedagogia do Esporte e o esforço necessário para alcançar esse objetivo (Sadi, 2010).

Dessa forma as cinco aulas dessa etapa do projeto foram destinadas à atividades práticas com a participação de todos, jogando meninos e meninas juntos. Os estudantes vivenciaram jogos reduzidos 2x2 (Futsal, Handebol e Frisbee);

queimada tradicional, queimada com os pés; duas versões não tradicionais de Bandeirinha – utilizando os implementos e regras do Handebol e Frisbee; e o Bobinho 3x3 de Futsal, Handebol e Frisbee.

Em tempos passados, a prática de atividades físicas e esportivas acontecia de maneira espontânea, com as crianças brincando livremente em diversos espaços, como ruas, campos de várzea, pátios de escolas e apartamentos, jardins e praças. Em todos esses lugares, era comum ver as crianças utilizando o tempo e o espaço disponíveis para se divertir e jogar. Um aspecto importante a ser destacado é a intencionalidade do brincar dessas crianças. A motivação para jogar as levava a se reunir e se divertir, sem perceber que também estavam aprendendo. Esses momentos proporcionavam ricas e variadas experiências motoras, formando um amplo repertório de movimentos conhecido como 'base motora'. Essa vivência era fundamental para a aprendizagem das técnicas específicas exigidas posteriormente nos esportes (Greco, Morales e Aburachid, 2012).

Nossas crianças já não possuem esse tempo-espaço para seu desenvolvimento fora da escola. É dentro da escola que essa vivência precisa acontecer.

Destinamos duas aulas exclusivas para vivenciarmos Handebol e Frisbee com as regras oficiais. Para a vivência do Handebol, foram revistas as regras básicas da modalidade e o jogo era parado toda vez que fosse necessário inserir ou relembrar alguma regra. Para a vivência do Frisbee as regras foram explicadas em associação às regras utilizadas para o Futsal e o Handebol, mostrando diferenças e semelhanças.

O jogo é um sistema complexo, do qual o esporte faz parte. Para confirmar isso, basta considerar o esporte coletivo como um sistema onde coexistem imprevisibilidade e aleatoriedade, equilíbrio e desequilíbrio, ordem e desordem, organização e interação. Esses fatores são operacionalizados a cada momento em que uma equipe tenta desestabilizar as ações do oponente, enquanto organiza seu próprio sistema. No entanto, o oponente tem o mesmo objetivo, buscando desestabilizar a outra equipe e, ao mesmo tempo, organizar-se e equilibrar-se (Reverdito e Scaglia, 2007; apud Leonardo, Scaglia e Reverdito, 2009).

Observa-se a presença dos modelos tecnicistas nas aulas de Educação Física escolar, quando os profissionais enfatizam as técnicas esportivas. Os alunos são

instruídos por meio de exercícios que visam aprimorar a técnica necessária para essas práticas. No entanto, é importante lembrar que o indivíduo é um ser sociocultural, e as aulas focadas apenas na técnica esportiva, ao enfatizarem apenas os aspectos motores, contribuem para a desintegração desses aspectos em relação aos aspectos cognitivos e afetivo-sociais, que deveriam estar em harmonia na formação dos alunos (Júnior, Maldonado e Dos Santos Silva, 2017).

Dessa forma, os estudantes não apenas jogaram, mas foram expostos às técnicas do jogo, às regras básicas, às situações problemas para que pudessem solucionar. Também conheceram circunstâncias específicas de cada modalidade como a marcação do handebol que se configura menos acirrada que no futsal e a arbitragem do Frisbee que é feita de modo auto arbitrário, não havendo um árbitro, assim, o jogo é conduzido pelos próprios jogadores por meio da prática do “espírito de jogo”. Como o contato é proibido pelas regras, quando ocorre, é solicitado uma falta, o que interrompe o jogo imediatamente e se discute o ocorrido para se chegar a um consenso (Pallos, 2022).

Nesse momento os estudantes já estavam bem familiarizados com as modalidades Handebol e Frisbee e foram motivados a participarem de um torneio disputado entre as turmas participantes do projeto. Inspirados na vivência do Interclasse de Futsal foram solicitados a organizar o evento e montar a tabela de jogos. Assim, contamos com a colaboração de professores que cederam as turmas para a realização dos jogos em horários determinados.

Na vigésima aula do projeto foi realizado um torneio dos esportes coletivos trabalhados. As partidas foram organizadas para ocorrerem em três tempos sendo o primeiro de Futsal, o segundo tempo de Handebol e o terceiro, de Frisbee. Cada equipe foi composta por estudantes de ambos os sexos. As substituições foram de livre critério e cada time organizou seus jogadores conforme lhe foi conveniente. O resultado da partida foi a soma dos pontos/gols feitos por cada equipe. Assim, o vencedor foi o time que fez o maior acumulado de pontos.

Os estudantes participaram voluntariamente com satisfação. Pudemos observar que aqueles estudantes mais focados no Futsal, participaram das demais modalidades sem tantas cobranças e permitiram-se os erros de principiantes que jamais permitiriam no seu esporte favorito. Observamos também a maior aceitação

dos meninos quanto à participação das meninas, bem como maior adesão da participação feminina.

A aula de encerramento foi realizada em sala de aula. Os estudantes foram convidados para uma roda de conversa em que socializaram suas percepções acerca das aulas, dos jogos e da unidade didática aplicada.

A apropriação do conteúdo esportivo pelos estudantes ocorre de forma mais efetiva quando o processo de ensino-aprendizagem é orientado por ciclos de ação, reflexão e nova ação, permitindo que os alunos ultrapassem uma visão superficial da prática e desenvolvam uma compreensão crítica e consciente do jogo. Essa abordagem valoriza a participação ativa dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos que constroem conhecimento por meio do envolvimento com o conteúdo, e não apenas como executores de tarefas. Ao mesmo tempo, essa perspectiva não abandona os elementos técnicos, táticos e estratégicos, mas os integra em uma proposta pedagógica comprometida com a formação cidadã e com o desenvolvimento de competências esportivas contextualizadas e significativas (Farias et al., 2023).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre o ensino dos esportes no contexto da Educação Física escolar. Baseado nos fundamentos teóricos e metodológicos da Pedagogia do Esporte, buscou-se identificar os desafios enfrentados pelos professores no planejamento de aulas que promovam a aprendizagem significativa dos esportes, especialmente nas escolas públicas, onde há limitações estruturais e resistência à mudança de paradigmas pedagógicos.

Os resultados alcançados dentro do período observado nas aulas regulares de educação física, evidenciaram o potencial pedagógico do esporte como conteúdo estruturante da Educação Física no Ensino Médio. Ao adotar os princípios da Pedagogia do Esporte, foi possível proporcionar experiências de aprendizagem que não apenas desenvolveram habilidades técnicas e táticas nos estudantes, mas também despertaram reflexões sobre o significado, a lógica e os valores implicados nas práticas esportivas.

Com base em uma consistente fundamentação teórica, foi possível compreender que o ensino do esporte na escola precisa ir além da reprodução técnica e do modelo competitivo tradicional. A Pedagogia do Esporte propõe uma abordagem que valoriza o jogo como meio pedagógico, respeitando a lógica interna das modalidades, promovendo o desenvolvimento das competências técnico-táticas e estimulando a autonomia dos estudantes.

Durante a aplicação do projeto de intervenção pedagógica no Ensino Médio, observou-se que os estudantes responderam positivamente às propostas metodológicas inspiradas na Pedagogia do Esporte. Através de jogos modificados, estratégias de reflexão coletiva e desafios adaptados à realidade dos alunos, foi possível tornar o ensino mais dinâmico, inclusivo e significativo. Os discursos coletados demonstraram maior engajamento, interesse e compreensão por parte dos alunos sobre o papel do esporte na escola.

A escuta ativa dos estudantes e a condução das aulas de forma dialógica revelaram percepções diversas sobre o que é o esporte, o que demonstrou a importância de uma abordagem crítica e culturalmente situada no ambiente escolar.

Um dos principais avanços observados foi a ressignificação do papel do estudante, que passou a assumir uma postura mais ativa e reflexiva nas aulas. A

análise qualitativa dos discursos revelou que os alunos passaram a compreender o jogo como um espaço de aprendizagem colaborativa e crítica, onde não apenas se joga, mas se pensa o jogo. Isso reforça a importância de estratégias pedagógicas que promovam a participação efetiva dos estudantes e a apropriação dos conteúdos de maneira consciente.

Outro ponto de destaque foi a valorização do professor como mediador do conhecimento. A experiência vivenciada reforçou que, quando o docente atua com intencionalidade, escuta sensível e planejamento fundamentado, as aulas tornam-se espaços potentes de aprendizagem. O professor que compreende os princípios da Pedagogia do Esporte é capaz de transformar o jogo em um recurso didático rico, promovendo a articulação entre os saberes conceituais, procedimentais e atitudinais.

A análise das falas dos alunos e suas respostas ao diagnóstico inicial indicaram que muitos ainda carregam concepções tradicionais e restritas sobre o esporte, associando-o unicamente à competição ou à prática física. No entanto, ao longo das intervenções, observou-se uma ampliação desses entendimentos, com indícios de apropriação crítica do conteúdo e maior participação nas vivências. Esse processo reforça a necessidade de um ensino que não apenas ensine a jogar, mas que ensine a compreender o jogo, suas regras, estratégias, significados e implicações sociais.

A superação da dicotomia entre teoria e prática foi uma conquista importante ao longo do percurso investigativo. Ao propor uma abordagem que integra o saber fazer com o saber pensar, o trabalho contribuiu para romper com práticas fragmentadas e reforçar o papel educativo do esporte. A Pedagogia do Esporte mostrou-se uma aliada nesse processo, por considerar as dimensões culturais, sociais e formativas envolvidas nas práticas corporais.

Por fim, os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de reconfigurar o lugar do esporte nas aulas de Educação Física. Ensinar esportes com base em metodologias fundamentadas, respeitando a lógica interna das modalidades e promovendo o protagonismo dos estudantes, é um caminho promissor para tornar a escola um espaço mais democrático, crítico e humanizador. A pesquisa-ação se mostrou uma estratégia eficaz tanto para o desenvolvimento profissional docente quanto para a valorização da escuta dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Conclui-se, portanto, que a Pedagogia do Esporte, aplicada com responsabilidade, sensibilidade e fundamentação teórica, pode transformar as práticas pedagógicas da Educação Física escolar. O jogo, quando compreendido como elemento central da formação humana, tem o poder de desenvolver habilidades cognitivas, sociais, emocionais e motoras, contribuindo para a formação integral dos estudantes. Assim, conclui-se que o ensino dos esportes na escola, quando orientado por fundamentos pedagógicos sólidos e sensível ao contexto dos alunos, é capaz de favorecer aprendizagens significativas, emancipatórias e duradouras.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015. 176 p. (Coleção Educação & Saúde, v. 11). DOI: 10.14393/CEF-v30n1-2017-20. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/40141/pdf/166485>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ANDRADE, Thiago Eliel; EL TASSA, Khaled Omar Mohamad. **Motivação nas aulas de Educação Física no ensino médio**. Lecturas: Educación física y deportes, n. 203, p. 11, 2015.

BARBANTI, Valdir José. O que é esporte? Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, Londrina, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2006. DOI: 10.12820/rbafs.v11n1p54-58.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. **A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BARROSO, Marcelo Backes; DARIDO, Suraya Cristina. **Abordagens pedagógicas aplicadas aos jogos esportivos coletivos de invasão: uma revisão narrativa**. Corpoconsciência, Cuiabá, MT, v. 26, n. esp. 3, e11698, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/11698>. Acesso em: 14 jul. 2025.

BAYER, Claude; DA COSTA, Machado; GÓIS, Piedade. **O ensino dos desportos colectivos**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU/UFRJ, 1994.

BENTO, Jorge Olímpio; GRANDE, Nuno Rodrigues. **O outro lado do desporto: vivências e reflexões pedagógicas**. Porto: Campo das Letras, 1995. 285 p. (Série Campo do Desporto, v. 2). ISBN 972-8146-24-8.

BENTO, Jorge Olímpio. **Da pedagogia do desporto**. In: Tani, G.; Bento, J. O.; Petersen, R. D. S. Pedagogia do desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 26-40.

BRACHT, V. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da educação física como componente curricular. In: CAPARRÓZ, F.E. (org.). **Educação física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória, ES: Proteoria, 2001.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. Movimento - Ano VI - Nº 12 - 2000/1

BRACHT, Valter. **Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta "o que é Educação Física"**. Movimento, v. 2, n. 2, 1995.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2005. 136 p. (Coleção Educação Física). ISBN 85-7429-259-1.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

CAMARGO, Daiana. **O corpo na escola no século XXI: práticas corporais**. Práxis Educativa, v. 5, n. 02, p. 233-235, 2010.

CASTELLANI FILHO, Lino et al.. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Práticas linguageiras e fracasso escolar**. Estilos da Clínica, v. 5, n. 9, p. 124-133, 2000.

COSTA, Luciane Gonçalves da; MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro; OLIVEIRA, Amauri Aparecido de; NASCIMENTO, Juliana dos Santos. **O esporte na Educação Física escolar: um conteúdo com potencial emancipador**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 24, p. 1–14, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/7XmqMbNHND6vcZYMJ3zTKdM/?format=pdf>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CÔTÉ, Jean et al. **Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte**. In: GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César, p. 15-40, 2017.

DAÓLIO, Jocimar. **Educação Física escolar e megaeventos esportivos: desafios e possibilidades**. Santa Maria: Kinesis, v. 14, p. 1-12, 2013.

DAÓLIO, J. **Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer**. Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília v. 10 n. 4 p. 99-104, Outubro 2002. Acesso em 21 de junho de 2023.

DOS SANTOS FERREIRA, Mayara Luana; GRAEBNER, Luciane; MATIAS, Thiago Sousa. **Percepção de alunos sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 734–750, jul./set. 2014. DOI: 10.5216/rpp.v17i3.25587. Acesso em: 14 jul. 2025.

FARIAS, Gilberto dos Santos; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SANTANA, Willian Ferreira de. **A pedagogia do esporte como prática educativa: perspectivas e possibilidades**. In: FARIAS, Gilberto dos Santos (org.). Pedagogia do esporte: múltiplas leituras. Campinas, SP: Autores Associados, 2023. p. 13–36. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/23pcw/pdf/farias-9788574554907-01.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação Física e cultura escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente**. In: III Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte,

3. ed., 20–23 set. 2006, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria, RS: UFSM, 2006. p. 1–9. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319163925_Educacao_Fisica_e_Cultura_Escolar_criterios_para_identificacao_do_abandono_do_trabalho_docente. Acesso em: 14 jul. 2025.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Desafios da legitimação da Educação Física na escola republicana**. Horizontes – Revista de Educação, Dourados, v. 1, n. 2, p. 33–42, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/3163>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **A escola e a Educação Física em sociedades democráticas e republicanas**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d3/A%20Escola%20e%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20em%20Sociedades%20Democr%C3%A1ticas%20e%20Republicanas.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FERNANDES, Anael. **A relação teoria e prática na educação física escolar: análise a partir da teoria crítica da sociedade**. Revista Conexões, Campinas, v. 19, e021030, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8666057>. Acesso em: 9 jul. 2025.

FLORES, Maria Assunção. **A formação de professores e a construção da identidade profissional**. In: VEIGA SIMÃO, Ana Maria; FRISON, L. M.; ABRAHÃO, M. H. (orgs.). *Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas: epistemologia e práticas*. Natal; Porto Alegre; Salvador: EDUFRRN; ediPUCRS; EDUNEB, 2012. p. 93–113. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44203>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRANCESCHINA, Pedro Henrique de Oliveira; MARMENTINI, Eduarda Zambiazzi; FIN, Gracielle. **Motivação para a prática de Educação Física e a intenção de ser fisicamente ativo no futuro**. *Temas em Educação Física Escolar*, Rio de Janeiro, v. 9, p. e2409, junho 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3991>. Acesso em: 14 jul. 2025.

FREIRE JÚNIOR, José Martins; MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. **Estratégias para ensinar esporte nas aulas de Educação Física: um estudo na cidade de Aparecida/SP**. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 28–46, jul. 2017. DOI: 10.5007/2175-8042.2017v29n51p28. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n51p28>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GALATTI, Larissa Rafaela; et al. **Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno**. *Corpoconsciência*, Cuiabá, MT, v. ?, p. 115–127, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/xxxxx>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GALATTI, Larissa Rafaela; BETTEGA, Otávio Baggio; PAES, Roberto Rodrigues; REVERDITO, Riller Silva; SEOANE, Antonio Montero; SCAGLIA, Alcides José. **O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos**. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 639–654, jul./set. 2017. DOI: 10.5216/rpp.v20i3.39593. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/39593>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues; SEOANE, Antonio Montero. **Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos**. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153–162, jan./mar. 2014. DOI: 10.4025/reveducfis.v25i1.21088. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/21088/13665>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GALATTI, Larissa Rafaela; NAVARRO JÚNIOR, Eduardo Donisete; PACHECO GOI, Cauê Peixoto. **Pedagogia do esporte: uma proposta de organização de conteúdos para currículo pedagógico baseado no ensino por meio do jogo para as categorias de formação do basquetebol**. In: *Anais do XXXI Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP*, Campinas, 2023. Disponível em: <https://prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2023P21690A38564O4805.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; DARIDO, Suraya Cristina. **Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos**. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 16, p. 751-761, 2010.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; BAMONTE, Nuno; SILVA, Cintia Ferreira da; CAPRARO, André Maurício. **Esporte como conteúdo da Educação Física: implicações para a prática pedagógica**. *Revista Digital EFDeportes*, Buenos Aires, ano 13, n. 126, nov. 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd126/esporte-como-conteudo-da-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 08 jul. 2025.

GARGANTA, José Manuel. **Pedagogia do esporte e educação física: a convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte**. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, e26034, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/6dNqF6fxTsCFXD6K4TBmfRN/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. *Revista de Administração de empresas*, v. 35, p. 20-29, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Locais da memória: histórias do esporte moderno**. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 79–86, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9062>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre; et al. **Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 21, n. 3, p. 1–30, jul./set. 2010. DOI: 10.4025/reveducfis.v21i3.4983. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/4983>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica**. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (orgs.). Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 130–148. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter; CAPARROZ, Francisco Eduardo; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Sentidos e significados do ensino do esporte na Educação Física escolar: deslocamentos históricos e proposições contemporâneas**. In: MARINHO, Alcyane; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (orgs.). Legados do esporte brasileiro. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014. p. 121–162. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/236555/Legados-do-Esporte-Brasileiro-2014.pdf?isAllowed=y&sequence=1>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GRECO, Pablo Juan; MORALES, Juan Carlos Pérez; ABURACHID, L. Maria Campos. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental–ensino intencional**. Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, MG, v. 20, n. 1, p. 145–174, 2012. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/download/1871/1296/5147>. Acesso em: 16 jul. 2025.

IŞIKGÖZ, Mustafa Enes. **Intrinsic vs. extrinsic motivation in high school physical education: Which fuels adolescent achievement emotions better?** PLOS ONE, v. 18, e0327393, abr. 2025. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0327393>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JÚNIOR, João Bosco Gomes Lima. **Pedagogia do jogo: possibilidades e potencialidades em jogos/brincadeiras de bola com os pés tradicionais**. 2022. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 05 dez. 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSITORIO/1378740>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEITE, Eduardo Alves. **O esporte na escola: sua realidade e possibilidade de mudanças**. Lecturas: Educación Física y Deportes: revista digital, Buenos Aires, v. 14, 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd114/esporte-na-escola-sua-realidade-e-possibilidade-de-mudancas.htm>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEONARDI, Thiago José; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; SEOANE, Antonio Montero. **Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41–58, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/3613>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. **O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos**. Motriz: Revista de Educação Física da UNESP, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236–246, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2009v15n2p236>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LIU, Xiaoyang. **Intrinsic and Extrinsic Motivation Affecting Learning Effectiveness in Physical Education of Junior College Students in China**. International Journal of Social Sciences and Physical Activity, v. 3, n. 2, p. 1–13, 2023. Disponível em: <https://wepub.org/index.php/IJSSPA/article/view/2079>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LOVISOLO, Hugo. **O enigma do Olimpismo**. In: IV Fórum Olímpico, 2004, Curitiba, PR. Anais... São Paulo: USP, 2004. p.3–9. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39134/tde-09122015-090209/publico/Marino_Benetti_corrigeida.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

MAGALHÃES, Ubiratan Martins; OLIVEIRA, Ubirajara da Silva. **Proposta metodológica para o ensino do voleibol escolar: possibilidades de intervenção na prática pedagógica**. In: ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; RIGONI, Ana Carolina Capellini; ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de (orgs.). Intervenção, pesquisa e produção do conhecimento, 1. ed. São Paulo: Dialética, 2022. v. 1, p. 299–322. Disponível em: <https://editoradialetica.org.br/intervencao-pesquisa-producao-conhecimento/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MARINHO, Alcyane; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (Org.). **Legados do Esporte brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014. 560 p. (Coleção Temas em Movimento). ISBN 978-85-8302-010-3. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/236555>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. **O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte**. Conexões: Revista

da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 2, p. 42–61, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637803>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MARTINS, Walber Tiago de Moraes. **Entre o esporte “na” escola e o esporte “da” escola: um diálogo com Francisco Eduardo Caparroz**. Revista FT, Ciências Humanas, v. 29, 141, dez. 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/entre-o-esporte-na-escola-e-o-esporte-da-escola-um-dialogo-com-francisco-eduardo-caparroz/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias**. Revista Observatorio del Deporte, Santiago, v. 1, n. 1, p. 147–185, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.revistaobservatoriodeldeporte.cl/index.php/odep/article/view/39>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. **A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: tendência de mercantilização a partir do final da Guerra Fria**. In: 1.º Encontro da Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte, 2008, Curitiba. **Anais**, Curitiba: UFPR, 2008. p. 1–8. Disponível em: <https://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/9.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MENEZES-FAGUNDES, Felipe et al. **Ensino para compreensão da lógica interna dos esportes: uma perspectiva baseada em Teaching Games for Understanding e Praxiologia**. Motriz. Movimento, Porto Alegre, v. 27, e27079, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.116643. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/M4ZGd4cnvtt66DmHCwg3sDD/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MEZZAROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fábio; DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira; SANTOS, Maria Edivânia Alves dos. **Pensadores sociais e o esporte no cinema: ações acadêmicas nos enfrentamentos do autoritarismo contemporâneo**. A Barca, Niterói, v. 1, n. 1, p. 134–153, 2023. DOI: 10.22409/abarca.v1i1.58473. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/abarca/article/view/58473/34837>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MEZZETTI, Carolina de Freitas Rochael. **O fenômeno arquibancada: análise do afastamento das meninas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em uma escola na rede estadual de Minas Gerais**. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, dez. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/PAUTA?sequence=1>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MOREIRA, Evando Carlos. **Prefácio**. In: REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José (orgs.). *Pedagogia do Esporte: ensino, vivência e aprendizagem do esporte na educação física escolar*. Cáceres, MT: Editora Unemat; Universidad de Extremadura, 2022. p.10. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370530091_Pedagogia_do_Esporte_Ensino_Vivencia_e_Aprendizagem_do_Esporte_na_Educacao_Fisica_Escolar . Acesso em: 16 jul. 2025.

OLIVEIRA, Ubirajara; BATISTA, Gustavo Santos; DOS SANTOS, Fernanda Silva. **O ensino do futsal através dos jogos na Educação Física escolar**. *Corpoconsciência*, Cuiabá, MT, v.27, n.e16605, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/e16605>. Acesso em: 16 jul. 2025.

OLIVEIRA, Elson Aparecido; LIMA, Leiliane Alves; SIMARELLI, Paula. **Esportes de invasão/territoriais na Educação Física escolar: considerações pedagógicas**. In: REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José (orgs.). *Pedagogia do Esporte: ensino, vivência e aprendizagem do esporte na Educação Física Escolar*. Cáceres, MT: Unemat, 2023. p. 121–138. DOI: 10.29327/5194505.1-6. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370529065_Esportes_de_invasaoterritoriais_na_Educacao_Fisica_escolar_consideracoes_pedagogicas . Acesso em: 16 jul. 2025.

PAES, Roberto Rodrigues. **Esporte no contexto escolar: da Educação Básica ao Ensino Superior**. In: REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José (orgs.). *Pedagogia do Esporte: ensino, vivência e aprendizagem do esporte na Educação Física Escolar*. Cáceres, MT: Editora Unemat; Universidad de Extremadura, 2022. p.21–36. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/ojs/index.php/ppgedu/article/view/13110> . Acesso em: 16 jul. 2025.

PALLOS, Gabriel Camargo. **Material didático digital e Frisbee: uma proposta de ensino por meio de jogos para o ensino médio**. 2022. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Câmpus de Rio Claro, Rio Claro, SP, 10 jan. 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216458>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PAES, Roberto Rodrigues; GALLARDO, Samuel Antônio Lemos; MONTAGNER, Paulo César; CAVALCANTI, Jéssica Aparecida de Souza. **A formação profissional e a prática pedagógica dos professores de Educação Física no Ensino Médio: tensões, obstáculos e possibilidades**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 37, e102901, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/VcFNgDb4tycgh97FjxnxTpQ/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

REVERDITO, Riller Silva; COLLET, Carine; MACHADO, João Cláudio Braga Pereira. **Pedagogia do esporte: desafios e temas emergentes**.

Corpoconsciência, Cuiabá, MT, v.26, n.2, p.82–98, mai./ago. 2022. DOI: 10.51283/rc.v26i2.14214. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/14214> . Acesso em: 16 jul. 2025.

REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José (orgs.). **Pedagogia do Esporte: ensino, vivência e aprendizagem do esporte na Educação Física escolar**. Cáceres, MT: Editora UNEMAT; Universidad de Extremadura, 2022. 471 p. ISBN 978-84-9127-180-2. DOI (livro): 10.29327/5194505. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370530091_Pedagogia_do_Esporte_Ensino_Vivencia_e_Aprendizagem_do_Esporte_na_Educacao_Fisica_Escolar . Acesso em: 16 jul. 2025.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens**. Motriz: Revista de Educação Física, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600–610, jul./set. 2009. DOI: 10.5016/2478. Disponível em: <https://periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2478> . Acesso em: 16 jul. 2025.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos**. Motriz: Revista de Educação Física, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 51–63, jan./mar. 2007. DOI: 10.5016/256. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/256> . Acesso em: 16 jul. 2025.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: conceito e cenário contemporâneo**. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César (orgs.). *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte, 2013. p. 19–40. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1196/o/_Pedagogia_do_Esporte.docx.pdf . Acesso em: 16 jul. 2025.

REVERDITO, Ronaldo Silveira; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte na escola: possibilidades a partir da pedagogia do esporte**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 888–905, out./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/24459>. Acesso em: 14 jul. 2025.

RODRIGUES, Leonardo Lima; BRACHT, Valter. **As culturas da Educação Física: da “modernidade sólida” à “modernidade líquida”**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.32, n. 1, p.93–107, set. 2010. DOI: 10.1590/S0101-32892010000400007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/PLzKjYqwzgg4qjGqHp35WPw/pdf/> . Acesso em: 16 jul. 2025.

RUBIO, Katia. **Sobre as origens do esporte moderno e do Olimpismo**. Educação olímpica e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 149-168, 2007.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; MOREIRA, Evando Carlos; COUTINHO, Silvano da Silva; BAHIA, Cristiano de Sant'Anna. **Possíveis relações entre as competições esportivas e o esporte educacional: (re)significando perspectivas à luz da pedagogia do esporte**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Santa Maria, RS, v.24, n.2, p.182–196, jun. 2016. DOI: 10.18511/0103-1716/rbcm.v24n2p182-196. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/4917> . Acesso em: 16 jul. 2025.

SADI, Renato Sampaio; COLPAS, Ricardo Ducatti. **O esporte e a escola no mesmo time: re-montando um “quebra-cabeças” de jogos pedagógicos e atividades alternativas**. Anais do Congresso de Ciência do Desporto, Campinas, 2010. p. 1–9. Disponível em: https://www.academia.edu/54873457/O_esporte_e_a_escola_no_mesmo_time_re-montando_um_quebra-cabe%C3%A7as_de_jogos_pedag%C3%B3gicos_e_atividades_alternativas . Acesso em: 16 jul. 2025.

SADI, Renato Sampaio; FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José; SOUZA, Adriano José de. **Pedagogia do esporte: esporte escolar**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância (Curso de Extensão Capacitação Continuada em Esporte Escolar), 2004. 96 p. ISBN 85-86290-30-0. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/40813> . Acesso em: 16 jul. 2025.

SADI, Renato Sampaio. **Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos**. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2010. 216 p. ISBN 978-85-274-1104-2. Disponível em: <https://www.iconeeditora.com.br/pdf/279258239PAGIINAS%201%20a%2015.pdf> . Acesso em: 16 jul. 2025.

SANTOS, Fernanda Silva dos; OLIVEIRA, Ubirajara de. **O jogo na Educação Física escolar: uma proposta metodológica de participação ativa dos estudantes**. Revista Brasileira de Educação Física Escolar, v. 3, p. 92–105, 2023. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/o-jogo-na-educacao-fisica-escolar-uma-proposta-metodologica-de-participacao-ativa-dos-estudantes/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SANTOS JÚNIOR, Osvaldo Galdino dos; FURTADO, Renan Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. **Pedagogia do esporte: indicativos para a prática de ensino do futsal**. *Corpoconsciência*, Cuiabá, MT, v. 27, e14100, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/14100>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação; FREIRE, Paulo. **O menino popular e a Educação Física**. In: Debates, São Paulo: Secretaria Municipal de

Educação, 1990. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/a1e554d1-0956-43f5-b1a5-768152f562d7>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do Esporte: ensino, vivência e aprendizagem do esporte na Educação Física escolar**. Cáceres, MT: Editora Unemat; Universidad de Extremadura, 2022. p.116. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370530091_Pedagogia_do_Esporte_Ensino_Vivencia_e_Aprendizagem_do_Esporte_na_Educacao_Fisica_Escolar. Acesso em: 16 jul. 2025.

SCAGLIA, Alcides José; BETTEGA, Otávio Baggiotto; SADI, Renato Sampaio; LIMA, Thiago José. **O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico**. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 227–249, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.39304. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/JZpkhr9n4zYJFbRtpP6LWxv/?lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do Jogo: o processo organizacional dos jogos esportivos coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino**. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 17, S1.A, p. 27–38, 2017. DOI: 10.5628/rpcd.17.S1A.2729. Disponível em: https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/2017-S1A/1-02.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

SCAGLIA, Alcides José; COSTA, Vitor Hugo Silva; JÚNIOR, João Bosco Gomes; MISUTA, Milton Shoiti; MACHADO, João Cláudio. **Possibilidades e potencialidades técnico-táticas em diferentes jogos/brincadeiras de bola com os pés tradicionais**. Retos: novas tendências em educação física, esporte e recreação, Salamanca, n. 39, p. 312–317, 2021. DOI: 10.46632/retos/v39i1.1334. Disponível em: <https://revistaretos.org/index.php/retos/article/download/79350/51175>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, dez. 2003. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1596435>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés**. São Paulo: Phorte Editora, 2020. 208 p. ISBN 978-65-9901743-8.

SCAGLIA, A; MEDEIROS, M; SADI, R. **Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo**. 2013. Trabalho organizado a partir das intervenções dos autores na Mesa Redonda: “Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos” – Seminário Nacional Esporte Escolar e Inclusão Social. Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília – UnB – Ministério do Esporte – ME, em 05 de dezembro de 2003. Acesso em 03 de julho de 2023.

SILVA, Carlos Santiago Cruz Menezes da; RIBAS, João Francisco Magno; MARQUES FILHO, Cesar Vieira; LAPORTA, Lorenzo Iop. **Ensino-aprendizagem dos jogos esportivos coletivos: estabelecendo relações entre lógica interna e métodos de ensino**. 2023. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/28867>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SOBRAL, Kelvin Ricardo. **Pedagogia do esporte: considerações acerca da modalidade handebol**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 2016. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSITORIO/515898/1/Sobral_Kelvin_Ricardo_TCC.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

SOUZA LIMA, Mayumi Watanabe de. **Espaços educativos: usos e construções**. Brasília: Ministério da Educação (MEC/CEDATE), 1998. 240 p. (Série informações técnicas). ISBN 85-7401-017-5.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p. Disponível em: <https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2018/08/7-metodologia-da-pesquisa-ac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Acesso em: 17 julho 2025.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. 1. reimp. da 1. ed. 1993. São Paulo: Brasiliense, 1999. 56 p. (Coleção Primeiros Passos; 276). ISBN 85-11-01276-1. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/343951382/O-que-e-Esporte-Manoel-Tubino-pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.